

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

**Narrativa de um Atleta de Bocha
Paralímpica:
Ouvindo os que não Falam**

MÁRCIO DE SOUZA SANTOS

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
PSICOLOGIA**

**NARRATIVA DE UM ATLETA DE BOCHA PARALÍMPICA:
OUVINDO OS QUE NÃO FALAM**

MÁRCIO DE SOUZA SANTOS

Sob a Orientação da Profa. Dra.
Valéria Marques de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Programa de Pós Graduação em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Seropédica, RJ
Junho de 2016

153
S237n
T

Santos, Márcio de Souza, 1991-
Narrativa de um atleta de bocha
paralímpica: ouvindo os que não falam /
Márcio de Souza Santos - 2016.
84 f.: il.

Orientador: Valéria Marques de
Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Psicologia.

Bibliografia: f. 77-82.

1. Psicologia cognitiva - Teses. 2.
Comunicação oral - Teses. 3. Deficientes -
Teses. 4. Atletas com deficiência - Teses.
5. Bocha (Jogo) - Teses. 6. Jogos
Olímpicos (Antiguidade) - Teses. I.
Oliveira, Valéria Marques de, 1963-. II.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
PSICOLOGIA

MÁRCIO DE SOUZA SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
no Programa de Pós Graduação em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02/06/2016.

Valéria Marques de Oliveira (Profa. Dra.) UFRRJ
Orientadora

Allan Rocha Damasceno (Prof. Dr.) UFRRJ
Examinador

Priscila Pires Alves (Profa. Dra.) UFF VR
Examinadora

Silviane Bonaccorsi Barbato (Profa. Dra.) UNB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Não foi por acaso que me interessei desde o começo da graduação pela educação física adaptada, tudo começou na minha infância, quando morava com minha tia, Juliana. Ela tem microcefalia.

Jú, dedico esse trabalho a você, que é minha tia, mas também foi minha irmã, minha companhia e, hoje, é minha sobrinha. O tio te ama!

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos pela pessoa que me acompanhou em cada pesquisa, em cada congresso, leu e contribuiu com quase tudo que eu escrevi. Minha companheira de pesquisa e esposa, muito obrigado, Carolina Fouraux!

Agradeço à minha família, principalmente minha mãe, Ana Maria, que, embora não tenha participado da produção da minha pesquisa, acompanhou cada momento de alegria e desespero, sempre me motivando e acreditando em mim!

Não poderia deixar de agradecer imensamente a professora Márcia da Silva Campeão, que me orientou em toda graduação e que me inseriu no mundo da educação física adaptada. E a professora Valéria Marques de Oliveira, minha orientadora nesse trabalho, mas muito mais que isso, uma ótima amiga, muito obrigado professora por estar sempre disposta a me ouvir!

Meus agradecimentos ao atleta e sua mãe que abriram sua casa e sua história para que essa pesquisa pudesse ser feita. Também agradeço a todos os atletas e familiares que fizeram parte da minha jornada até aqui.

Por fim, obrigado a CAPES/CNPq por financiarem meus estudos através da bolsa acadêmica.

RESUMO

SANTOS, Márcio da Silva. **Narrativa de um Atleta de Bocha Paralímpica: ouvindo os que não falam**. 2016. 83p. Dissertação Programa de Pós Graduação em Psicologia (Mestrado). Orient. Profa Dra Valéria Marques de Oliveira. Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

A bocha paralímpica é um esporte desafiador para pessoas com deficiência com comprometimento motor nos quatro membros. Um grupo desses atletas, mesmo com a prática esportiva, permanece prejudicado pela incapacidade de oralização e falta de comunicação por outros meios. Baseado na Psicologia Cultural de Bruner (1997) buscou-se investigar através da narrativa desses sujeitos, considerando a importância de se fazer presente no mundo através da comunicação e se fazer presente para si mesmo, ao retirar as ideias da neblina do pensamento e externalizá-las, dando forma, pela necessidade de organizá-las e se fazer inteligível ao outro, estabelecendo o diálogo. Propôs-se alternativas na expressão narrativa e posterior análise, considerando as características dos sujeitos: comunicação por tradutor ou computador com teclado adaptado; expressões, sons e gestos alterados pela deficiência; comunicação (digitada) com ênfase na semântica e déficit na fonética (transpondo essa característica oral para a escrita); escolha de fotos; e análise da rede social do sujeito. Isso fez com que o papel do pesquisador fosse da maior importância, ao estabelecer vínculos com os sujeitos, possibilitando o diálogo (tentando não fazer uso de mediador), com objetivo de conhecer a história de vida de pessoas acostumadas a serem interpretadas e não ouvidas e como ela se constrói. Conjecturou-se que a bocha adaptada, diferente do que o se acreditava, não é a salvação de uma vida estagnada, mas ela é, primeiramente, uma ponte para a socialização e o lazer (nos encontros antes e depois dos jogos, na hora de se alimentar, nas viagens), e, em segundo lugar, a profissão do atleta, trazendo sua outra identidade (de competidor, guerreiro, sério, compenetrado). A pesquisa narrativa possibilitou mostrar os bastidores deste trabalho e permitiu articular métodos de coleta de dados que melhoraram o diálogo entre pesquisador e sujeito pesquisado, mostrando um atleta maduro, inteligente, não tão independente como acredita-se ser ideal, mas tão autônomo quanto é possível.

Palavras-chave: Pessoa com Deficiência; Narrativa; Bocha Paralímpica; Atleta paralímpico; Emancipação.

ABSTRACT

SANTOS, Márcio da Silva. **Narrative of a BocciaPalalimp Athletic: listening the ones who does not speak**. 2016. 83 p. Dissertation. (Master in Psychology). Orient. Valéria Marques de Oliveira (Phd). Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

The Paralympic boccia is a challenging sport for the disabled with motor impairment in all four limbs. A group of these athletes, even with the sports practice, remains hampered by oralization inability and lack of communication by other means. Based on Cultural Psychology of Bruner (1997), our goal is to investigate through the narrative of these subjects, considering the importance of being present in the world through communication and do this for yourself, to take the ideas of the fog of thought and outsource them, forming, by the need to organize them and make intelligible to the other, establishing dialogue. It is proposed adjustments in the narrative and subsequent analysis, considering the characteristics of the subjects: communication by translator or computer with adapted keyboard; expressions, sounds and gestures changed by disability; communication (typed) with emphasis on semantics and phonetics deficit (Transposing this oral characteristic for writing). Choice of pictures; and social network analysis of the subject. This made the role of the researcher was of paramount importance to establish links with the subjects, allowing dialogue (Trying NOT Make use of mediator). Aiming to know the life story of people accustomed to be interpreted and not heard and how it is built. It was noticed that the boccia adapted, different than the researcher believed, is not the salvation of a stagnant life, but it is primarily a bridge for socializing and recreation (in meetings before and after games , at time of eat , in travels) , and , second, the athlete's career , bringing his other identity (competitive, warrior , serious, focused). The narrative research allowed to show behind the scenes of research and allowed joint data collection methods have improved dialogue with the subject, showing a mature athlete, intelligent , not as independent as it is believed to be ideal , but as autonomous as possible.

Key-words: Person with Disabilities; Narrative; Boccia Paralympic; Paralympic athlete; Emancipation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Bolas de Bocha Adaptada Fonte: Google Imagens.....	22
Figura 2 Início do Jogo. Fonte: Acervo pessoal	23
Figura 3 Quadra de Bocha. Fonte: BISFed, 2013	24
Figura 4 Cronômetro/Marcador. Fonte: Google imagens	24
Figura 5 Cronômetro/Tela de Visualização. Fonte: Google imagens	25
Figura 6 Atleta BC1. Fonte: Google imagens	25
Figura 7 Atleta BC2. Fonte: Google imagens	26
Figura 8 Atleta BC3. Fonte: Google imagens	27
Figura 9 Atleta BC3. Fonte: Google imagens	28
Figura 10 Sinalizador. Fonte: Acervo pessoal.....	29
Figura 11 Escolha I do Sujeito	53
Figura 12 Escolha II do Sujeito	53
Figura 13 Escolha III do Sujeito.....	53
Figura 14 Escolha IV do Sujeito.....	54
Figura 15 Escolha V do Sujeito.....	54
Figura 16 Escolha VI do Sujeito.....	54
Figura 17 Escolha VII do Sujeito	55
Figura 18 Escolha VIII do Sujeito.....	55
Figura 19 Escolha IX do Sujeito.....	55
Figura 20 Escolha X do Sujeito.....	56
Figura 21 Escolha XI do Sujeito.....	56
Figura 22 Escolha XII do Sujeito.	56
Figura 23 Escolha XIII do Sujeito.....	57
Figura 24 ASP no último campeonato de bocha paralímpica.	58
Figura 25 ASP jogando	59
Figura 26 ASP Criança.	59
Figura 27 ASP e amigo com uniforme da Bocha Paralímpica.	60
Figura 28 ASP e Mãe.	60
Figura 29 ASP no Campo do Clube do Vasco da Gama.	61
Figura 30 Nossa Senhora Aparecida.	61
Figura 31 ASP e Família.	62
Figura 32 Jesus	62
Figura 33 ASP, Mãe, Prima e Zivaldo.	63

LISTA DE SIGLAS

ANDE	Associação de Desporto para Pessoas com Deficiência
ASP	Atleta Sujeito da Pesquisa
BES	Bem Estar Subjetivo
BISFed	<i>Boccia International Sports Federation</i>
CAA	Comunicação Alternativa e Ampliada
CAS	Comunicação Alternativa e/ou Suplementar
CIDAP	Classificação Internacional de Deficiência, Atividade e Participação
CIDID	Classificação Internacional de Deficiência, Incapacidade e Desvantagens
DMD	Distrofia Muscular de Duchenne
EBES	Escala de Bem Estar Subjetivo
ER	Entrevistador
GPEFEA	Grupo de Educação Física e Esporte Adaptado
OMS	Organização Mundial de Saúde
PC	Paralisia cerebral
SESI	Serviço Social da Indústria
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	14
2. ATLETA DA BOCHA PARALIMPICA	21
2.1. Bocha Paralímpica	21
2.1.1.O Jogo.....	22
2.1.2.Quadra	24
2.1.3.Classificação dos atletas	25
2.1.3.1.Classe BC1	25
2.1.3.2.Classe BC2	25
2.1.3.3.Classe BC3	26
2.1.3.4.Classe BC4	27
2.1.4.Árbitro	28
2.2. Atletas de Bocha Paralímpica e seus principais quadros de deficiências e doenças	29
2.2.1.Distrofia Muscular.....	29
2.2.2.Lesão Medular	30
2.2.3.Paralisia Cerebral.....	30
2.2.3.1.Atlea BC3	32
3. NARRATIVA E PARALISIA CEREBRAL COM AFASIA MOTORA	33
3.1. Comunicação e Linguagem	33
3.2. Narrativa	35
3.3. Narrativa da pessoa com paralisia cerebral e afasia motora	38
4. METODOLOGIA	41
4.1. Objetivo	42
4.1.1.Objetivo Geral	42
4.1.2.Objetivos Específicos	42
4.2. Projeto Piloto	42
4.2.1.ProjetoPiloto I.....	43
4.2.2.ProjetoPiloto II	44
4.3. Sujeito da Pesquisa	45
4.3.1.Critérios de seleção do sujeito	45

4.3.2. Atleta Sujeito da Pesquisa (ASP)	45
4.4. Instrumentos	46
4.5. Procedimentos para coleta de dados	46
4.6. Crivo de análise do resultado	48
4.7. Resultado	49
4.7.1. Método de comunicação utilizado pelo atleta	49
4.7.2. Indicativos de mudança na vida cotidiana do atleta	50
4.7.3. Método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional	50
4.7.3.1. Narrativa abstraída pelo contato presencial	52
4.7.3.2. Narrativa abstraída por Seleção Fotográfica	52
4.7.3.3. Narrativa Abstraída por Meio Digital	57
4.7.3.4. Narrativa Abstraída Através de Conversa por e-mail	63
5. COMUNICAÇÃO: PARA ALÉM DA ORALIDADE	66
5.1. Métodos de comunicação alternativa observados no contato com o atleta paralímpico	66
5.2. Mudanças na vida cotidiana do atleta paralímpico após a prática da bocha..	69
5.3. Método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional	71
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE I	83

APRESENTAÇÃO

A temática deste estudo teve seu início no final do ano de 2010, no 1º Campeonato Sudeste de Bocha Paralímpica realizado no Ginásio de Esportes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na cidade de Seropédica/RJ. A partir desse campeonato, os alunos com interesse no estudo da educação adaptada, orientados pela professora doutora Márcia da Silva Campeão - coordenadora de Bocha Paralímpica no Brasil e professora da disciplina Educação Física Adaptada da UFRRJ –, puderam se aprofundar no estudo da pessoa com deficiência, na arbitragem de Bocha Paralímpica, e até mesmo como treinadores de atletas dessa modalidade.

Em 2011, foi criado o Grupo de Educação Física e Esporte Adaptado (GPEFEA), primeiro grupo de pesquisa em esporte adaptado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) voltado exclusivamente para o estudo das pessoas com deficiência. Durante os três primeiros anos de existência, os trabalhos desenvolvidos aprofundaram-se na pessoa com deficiência, principalmente àquelas ligadas a bocha paralímpica.

Em novembro de 2013, a presente proposta de trabalho, então, foi sugerida, buscando caminhar em outro sentido, ao invés de focar a bocha paralímpica, propôs-se conhecer as pessoas que praticam esse esporte, considerando suas singularidades e as escassas oportunidades que a sociedade e academia fornecem para que essas possam se expressar em relação à transformação de pessoas com deficiência para atletas paralímpicos.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é múltiplo em todos os sentidos, por exemplo, nos diversos papéis sociais que assume: “dona/o de casa”, assalariado, professor, aluno; religioso, esportista, bonito, feio; rico, pobre, etc. Tudo isso pode referir-se a uma única pessoa em diferentes contextos sociais. Essa multiplicidade de “eu(s)” é tratada por Vieira e Henriques (2014, p. 164):

Self não é um núcleo isolado de consciência contido em nossa cabeça, mas é construído interpessoalmente. Ele é definido em termos de significados tanto pessoal como coletivos ambos em maior ou menor grau definidos pela cultura. Cada cultura possui uma representação do que significa pessoalidade, de modo que o significado do *self* é negociado entre o indivíduo e a cultura na qual ele está inserido.

Antes desse trabalho, Markus e Nurius (1984), citados por Bruner (1997, p 45), dizem algo parecido: “Não pensemos sobre um si-mesmo, mas sobre uma pluralidade de possíveis si-mesmos, juntamente com um si-mesmo que se manifesta em um momento específico”.

Então, corroborando com as afirmações supracitadas, o eu, o *self* ou a pessoalidade, não é algo pronto, definido ao nascer, fechado e irreversível. Há um processo que se deslancha no ser humano em um campo de forças de relações sociais. Nesta tensão há pressões intrapessoais e interpessoais, com negociação de significados entre o indivíduo e a cultura. Os indivíduos são dinâmicos e assumem diversos papéis produzidos no contexto espaço-temporal. Cada interação interpessoal recebe influência dos processos que já se fazem presente internamente – ambos assimilados e transformados constantemente. O diálogo entre a singularidade e a coletividade baseia-se na consonância com as situações internas e externas. É esse devir, essa inconstância que dá traços excepcionais à raça humana.

Diferentemente dos demais animais, a relação com o meio no ser humano é sempre mediada, isto significa dizer que o comportamento humano não é regido unicamente por seus instintos, por sua herança genética, por sua marca filogenética. A filogênese traz o arcabouço, mas é superada pelas qualidades ontogenéticas do ser humano, sua capacidade de representar, de ter consciência de si e do mundo, de agir intencionalmente, dirigir e compartilhar sua aprendizagem.

Baquero (1998) baseado na teoria sócio-histórica, ao discorrer sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e seu entrelaçamento na subjetividade, diferencia dois tipos de instrumentos utilizados na interação homem-meio na construção da realidade. Uma ferramenta é concreta e outra é mental, a primeira, fruto do contato direto com os objetos que orienta para a ação do mundo externo, e a segunda, fruto da relação semiótica, a internalização da realidade através do aspecto simbólico que orienta a negociação de sentidos e orienta a interação do mundo interno e externo. Alguns exemplos de ferramentas podem ser: a) concreta - talheres, computador, etc., e b) mental - aspecto semiótico, como a linguagem. Comumente, o primeiro é denominado apenas como instrumento, e sua natureza é externa, e o segundo é denominado como signo, e sua natureza é interna. Cabe destacar que ambos estão em profunda conexão, e em conjunto proporcionam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores presentificados nas relações sociais estabelecidas. Lacerda (2003) contribui com esta reflexão e afirma que

a internalização implica a transformação de fenômenos sociais em fenômenos psicológicos, envolvendo a apropriação pelo sujeito do significado dos objetos, dos lugares ocupados pelos objetos e pelas pessoas e do significado das relações num processo que transcorre ao longo do desenvolvimento. Não se trata da internalização de cópias dos objetos reais, mas de suas significações. O que permite isso é a operação com signos. E a linguagem constitui-se uma instância de internalização por excelência (p. 66).

Desta capacidade de trocar informações, negociá-las, redefini-las em um fluxo constante e único para cada pessoa, cada grupo e cada sociedade é de onde se configura a cultura. Nas palavras de Jerome Bruner, esta dinâmica é enaltecida

Em virtude da participação na cultura, o significado é tornado público e compartilhado. Nosso meio de vida culturalmente adaptado depende da partilha de significados e conceitos. Depende igualmente de modos compartilhados de discurso para negociar diferenças de significado e interpretação (BRUNER, 1997, p. 23).

Thompson (1995) considera a cultura como

o padrão de significados incorporados em formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados, dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 1995, p.181).

Tavares (2005, p. 2) apresenta as ideias de Clifford Geertz que “reorientou a análise de cultura para o estudo do significado e do simbolismo, centralizando a interpretação como abordagem metodológica”. Para Geertz, o sujeito estaria suspenso em teias de significados que ele próprio teceu, entendendo a cultura como uma dessas teias e sua análise como uma ciência interpretativa em busca de significados. O interacionismo simbólico propõe a análise antropológica das dimensões culturais da política, da religião e dos costumes sociais. Ele considera a cultura como elemento estruturante na organização da sociedade. A ideologia permeada na cultura pode ser desvelada no sistema de organização, os dominantes têm a posse dos signos de poder e os dominados se submetem a tais signos. Entretanto, essa concepção de sujeito tem um aspecto limitado e conformista ao não considerar a possibilidade de uma constante e dinâmica tessitura dos fenômenos sociais, que nos leva a acreditar num sujeito mais criativo e agente de suas (re)considerações, buscas de significados e reinvenções. Um sujeito que é capaz de produzir, transmitir, receber e alterar formas simbólicas.

Fica claro que a cultura é condição *sine qua non* para a existência do ser humano. Neste trabalho consideramos que a cultura é regida pelas trocas, compartilhamentos, negociações entre os sujeitos. Esta negociação é realizada através da comunicação que ativa a interpretação.

Mas, o que é comunicação? Basicamente, podemos conceituar que comunicação é o compartilhamento de informações entre dois seres, um processo de dar e receber, de cifrar e decifrar um dado. Martino (2016, p.44) diz: “contamos histórias uns para os outros no sentido de estabelecer narrativas comuns que nos permitam estabelecer quem somos, mas também quem não somos”. Para tanto, necessita-se os interlocutores, sendo um o emissor (ou codificador) e o outro o receptor (ou decodificador). O emissor emite uma mensagem (ou sinal) ao receptor através de um canal (ou meio). O receptor interpretará a mensagem. Esta mensagem pode ter chegar diretamente ou com algum tipo de barreira (*ruído*, bloqueio, filtragem) e, a partir daí, dará o *feedback* ou resposta, completando o processo de comunicação. Só que este processo não é tão linear quanto

parece, basta lembrar os diferentes “eus” em cada interlocutor para transparecer um pouco sua complexidade.

A comunicação é facilitada quando os interlocutores são da mesma espécie, visto que geneticamente já compartilham da disposição para o mesmo canal de comunicação. O código comum pode vir também registrado na carga genética, o que determina sua leitura, mas no caso do humano, este código herdado é suplantado pela aprendizagem, o que implica em sua interpretação complexa. O homem vai além do seu instinto e negocia significados, mais do que isto, ele atribui significado ao outro e rege seu comportamento a partir da realidade que ele constrói. Pode-se perceber, então, que a comunicação humana é altamente complexa.

Tavares (2005), em seu estudo sobre análise de conversação, destaca a contribuição de Schiffrin (1994) com a sociolinguística interativa que prioriza o encontro interacional entre os interlocutores que têm papéis ativos na interlocução, com a produção e modulação da mensagem em sintonia à reação que provoca e é provocado por seu interlocutor atualizado no encontro presencial.

Além disso, na interação face a face, os interlocutores sinalizam sua intenção de se comunicarem através de “pistas de contextualização” de natureza linguística (alternância de dialeto e estilo, por exemplo), paralinguística (pausas, hesitações e entoação) e extralinguística (expressões fisionômicas e gestos) (TAVARES, 2005, p.3).

Segundo Tavares (2005), Schiffrin (1994) dialoga com Gumperz (1982), antropólogo, e com Goffman (1981), sociólogo, e defende a estreita relação entre cultura, sociedade e língua. O foco de estudo do primeiro autor descrito por Schiffrin é o significado situado, no qual os níveis de significado estão conectados de modo complexo. Ele descreve a linguagem como

um sistema de símbolos, social e culturalmente construído, que é utilizado de forma que reflita os significados sociais de nível macro (exemplos: identidade de grupo e diferenças de *status*) e crie significados sociais de nível micro (isto é, o que alguém está dizendo e fazendo num determinado momento) (TAVARES, 2005, p.3).

O foco de estudo do segundo autor descrito por Schiffrin é o aspecto dinâmico da língua, que é

Situada em circunstâncias particulares da vida social, refletindo e adicionando significado e estrutura nessas circunstâncias (TAVARES, 2005, p.3).

Tavares (2005) segue sua argumentação e acrescenta a contribuição de Bakhtin (1981) sobre língua como uma atividade social que “só existe onde houver possibilidade de interação social, um trabalho empreendido conjuntamente entre os falantes” (TAVARES, *op.cit*, p.3). A língua não apenas como instrumento de comunicação, mas como processo de construção e negociação constante, e neste sentido, os estudos culturais contribuem para sua investigação. Resumindo, a língua “passa a ser estabelecida como atividade entre indivíduos de uma sociedade, como ato social cuja própria realidade é, permanentemente, constituída e/ou modificada por seus atores sociais e pelo contexto” (TAVARES, *idem*, p. 3).

Sendo assim, façamos um exercício de reflexão: se todas as pessoas do mundo parassem de se comunicar umas com as outras, o que aconteceria com a espécie humana? Será que voltaríamos para o “estado de natureza”, como nossos parentes

próximos, chimpanzés? Vygotsky respondeu parte dessa questão no seu livro “Pensamento e Linguagem” (1991), ao lembrar que os primatas, assim como diversos outros animais, possuem comunicação complexa e eficiente para seu meio. Se a condição básica de existência da espécie é a comunicação, se a existência da comunicação humana é obrigatória para que haja cultura, e a cultura é base para o desenvolvimento humano, então, se não existisse mais a capacidade de comunicação humana também não existiria ser humano, pelo menos na concepção atual. O homem, como espécie, nasce completamente dependente do cuidado do outro e de sua inserção social. O ser humano só se torna ser humano na interação com outro.

Podemos considerar esta proposição como algo hipotético demais e rapidamente afastar sua argumentação do pensamento, dada sua improbabilidade. Então, reformulamos a questão refinando a pergunta: se parte da população humana na sociedade não pudesse se comunicar através das formas básicas comumente utilizadas pelo grupo em que estas estão inseridas? O problema agora deixou a imaginação de lado e se faz presente, atual.

A comunicação utiliza-se da linguagem, esta pode ser compreendida como “um jogo constituído por processos de negociação” (BRAIT, 1995 *apud* TAVARES, 2005, p.3). A forma mais difundida na comunicação humana é a linguagem oral. Embora não seja a única forma de comunicação, o ser humano prioriza a interação verbal. A comunicação não-verbal é muito utilizada de forma pouco consciente e/ou menos valorizada.

Existem pessoas que não se utilizam da linguagem oral, como por exemplo, o caso das pessoas que não ouvem e das que não oralizam. Muda-se, então, o cenário da linguagem oral, e surge outro cenário.

Libras (Língua Brasileira de Sinais) é um exemplo de possibilidade fantástica para as pessoas que não se utilizam da linguagem oral. Ela viabiliza a comunicação estruturada em uma língua com regras compartilhada por um grupo. Libras é uma língua ágrafa, visuo-gestual. Embora visual, mesmo uma pessoa surdo-cega através do tato pode utilizar-se desta língua tanto como emissor, quanto como receptor de uma mensagem. Paralelamente permanece a linguagem não-verbal e a expressão corporal que colaboram na atribuição e interpretação de sentido.

Porém, em outro grupo com condições específicas composto de pessoas que não tenham domínio motor suficiente necessário para a comunicação pela língua de sinais, e sua incapacidade motora não permita uma expressão corporal clara, o que pode ser feito? Para essas pessoas, a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) tem se mostrado uma possibilidade plausível.

A comunicação alternativa e/ou suplementar (CAS) é uma área de atuação que objetiva compensar (temporariamente ou permanentemente) dificuldade de indivíduos com desordens severas de expressão (ASHA, 1989). Von Tetzchner e Martinssen (2000) definiram a Comunicação Alternativa e/ou Suplementar (CAS) como uma forma de comunicação por meio de gestos, expressões faciais e corporais, sinais/símbolos gráficos, pictográficos que substituem ou suplementam as funções da fala. Estas formas de comunicação são utilizadas, face a face, por indivíduos com severos distúrbios da comunicação. [...] Os sistemas de comunicação se diferenciam quanto ao tipo de símbolos utilizados, se pictográficos, ideográficos ou arbitrários; ou ainda quanto ao número de símbolos que os compõem e sua forma de organização (PAURA, MANZINI, DELIBERATO, 2002, p.47).

Nunes e Nunes (2005) são referências desses métodos no Brasil, que através de pranchas de comunicação, objetos significantes e softwares para tablete, celulares e computadores facilitam a comunicação, e conseqüentemente o desenvolvimento, de

peças com grave comprometimento motor. As autoras contam que essas técnicas tiveram início no Brasil em 1978, com pessoas com paralisia cerebral, sem prejuízo intelectual, incapazes de oralizar.

Deliberato et al (2013) preferem adotar o termo comunicação alternativa e suplementar, ao invés de comunicação alternativa e ampliada (CAA). Além da nomenclatura, Paura e Deliberato (2014) dizem que esse conjunto de estratégias tem foco principal a aprendizagem de crianças e jovens em fase escolar incapazes de oralizar, diferenciando, nesse ponto, o foco de seus estudos, em relação a CAA, que tem caráter mais abrangente.

Porém, atualmente no cenário conhecido pelo autor da bocha paralímpica, mesmo os métodos sugeridos pela CAA ou pela CAS não são comumente observados em uso na vida cotidiana dos adultos que apresentam essas características. Dada a complexidade da questão, pode-se imaginar como devem ser extremamente raros os diálogos desenvolvidos fora do restritíssimo grupo social das pessoas com grave comprometimento motor. Delineia-se então, a população alvo deste estudo. Nesta pesquisa, focalizaremos os atletas de bocha paralímpica que apresentam graves dificuldades motoras, logo, com graves comprometimentos na capacidade de oralização. Frequentemente, estas pessoas se comunicam por intermédio de dois recursos: a) por intermédio de intérprete (normalmente um familiar, como mãe ou irmão que conhece profundamente esse atleta) e/ou por intermédio do computador com adaptações variadas para a escrita.

No primeiro caso, quando é necessário de forma permanente o uso do intérprete, a questão da comunicação torna-se ainda mais complexa. Além da multiplicidade de “eus” de cada interlocutor presente na comunicação, a comunicação não é mais dual, existe uma triangulação com a inserção de outra pessoa na figura do intérprete. A mensagem intermediada não é simplesmente repassada ao seu interlocutor. Esta comunicação é atravessada pela interpretação do intermediário, e assim, carrega também marcas do intérprete. Aos olhos de quem está de fora da situação, parece que a pessoa nessas condições entra em sintonia profunda com seu intérprete, que, numa rápida troca de olhares, parece “saber” o que o outro pensa. Para este observador externo, muitas vezes parece que o intérprete sabe “exatamente” o que o outro demanda expressar. Mesmo quando se supõe existir algum ruído nessa comunicação, a dificuldade de esclarecer o mal entendido parece muitas vezes ser vencida pela circunstância. Imagina-se que o emissor passa anos e anos ouvindo “sua própria voz” sendo transmitida pela boca de outra pessoa, de tal forma que essa “passa a ser” sua “boca”, sua “voz”. Nesta conjuntura, pode-se inferir os ganhos e as perdas na qualidade da comunicação neste processo.

No segundo caso, a comunicação por intermédio do computador adaptado às condições específicas de cada pessoa, exclui-se a figura do terceiro na comunicação. Algumas pessoas com grave comprometimento motor utilizam o computador como um recurso de CAA. Eles conseguem digitar com a boca, outros com os pés, com a cabeça e até mesmo apenas movimentando os olhos em sincronia com o mouse através de *webcam* em programas específicos. É por meio dessa ferramenta munida da comunicação em rede (internet) que essas pessoas parecem praticar, com um pouco mais de autonomia, sua comunicação com outras pessoas.

No entanto, cabe lembrar que frequentemente o grupo de interlocutores destas pessoas é muito restrito, normalmente sendo formado por pessoas que tem um envolvimento familiar ou profissionais ligados de algum modo à questão da deficiência, tais como árbitros, treinadores e profissionais da educação e da saúde.

O esporte adaptado é uma das raras possibilidades sociais que oferece

oportunidades com local produzido e com atenções centradas exclusivamente para esse grupo de pessoas. Durante os treinos e competições, para muitos atletas de bocha paralímpica, aquele é um de seus raros momentos de glória, no qual eles não estão em uma posição social desfavorável. No jogo quem manda, quem dita as ações são eles e mais ninguém. A autonomia é a palavra chave nesse esporte (CAMPEÃO, 2011). Pelo menos é isso que acreditam as pessoas sem deficiência que buscam mudar para melhor a vida das pessoas com deficiência. Mas, será que isto é verdadeiro a partir do ponto de vista destes atletas? O que eles pensam? O que eles sentem? Como interpretam esta realidade? Por isso, é preciso conversar com eles, buscar conhecer além do que supomos, conhecer além daquilo que os outros dizem por elas, conhecer além do discurso pronto que todos tem na “ponta da língua” sobre inclusão social e esportiva.

Portanto, considerando:

- a enorme importância que comunicar-se exerce sobre a vida humana,
- o reconhecimento das peculiaridades da comunicação de pessoas com graves comprometimentos motores incapazes de oralizar e se comunicar através de língua de sinais,
- a escassez de literatura acerca do efeito da prática desportiva dos atletas de bocha paralímpica, com paralisia cerebral com as funções intelectuais preservadas, mas com graves comprometimentos motores,

Justifica-se a importância desta investigação com o objetivo de comparar o impacto da inserção de bocha paralímpica na vida do atleta BC3 (uma das categorias da bocha que será melhor descrita posteriormente) sob seu ponto de vista, comparando o antes e o depois da inserção desta prática desportiva em seu cotidiano, através da análise narrativa de sua história de vida. Enaltece-se a enunciação do atleta na busca de compreender sua leitura da realidade.

Os anos de convivência com esses atletas demonstraram as dificuldades encontradas para a interação social dessas pessoas, considerando que a Paralisia Cerebral é uma deficiência adquirida no período pré, peri e pós natal (MOORE, 2009), e agora, na fase adulta estão “calejadas” pelo tempo, assumindo seus papéis de oprimidos (FREIRE, 1987) e, muitas vezes, usando dos benefícios secundários dessa condição, mantendo um comodismo imposto (GOFFMAN, 1986).

Pelas condições descritas nos últimos parágrafos, podemos, neste ponto de nossa pesquisa considerar outro fator, que não é objetivo primário da pesquisa: quando medimos esforços a favor de que essas pessoas tenham a possibilidade de serem ouvidas, estávamos tentando proporcionar meios de estabelecer um diálogo para analisarmos aquilo que fosse dito, porém, talvez, assim como teorizam Dutra (2002) e McAdams (*apud* Vieira e Henriques, 2014), o objetivo da narrativa, principalmente para essas pessoas que nunca ou raramente tiveram voz ativa, seja justamente o ato de se expressar. Considerando próprio método de pesquisa, ouvir – e trocar – com os atletas. Embora nossa hipótese inicial seja que essas pessoas não tem a possibilidade de exercer plenamente suas vidas, pela falta de oportunidade de desenvolvimento em sua interação com o meio físico e social, e que ouvindo-as poderemos dialogar sobre esses problemas, caso a nossa conjectura se confirme, na própria narrativa iniciaremos nossa intervenção, ao ponto em que, assim como diz Marques (2014), é quando damos a voz a quem não tem, que permitimos externalizar e visualizar aquilo que “vagava” internamente, mas que não se permitia organizar, dialogar e transformar.

As próximas páginas serão compostas da revisão teórica, abordando os seguintes itens: Comunicação; Pessoa com Deficiência; Bocha Paralímpica; Deficiências. No bloco seguinte se desenvolverá o método; objetivos; características dos sujeitos da pesquisa. Por fim, a análise dos resultados alcançados e as considerações gerais.

2 ATLETA DA BOCHA PARALIMPICA

Este capítulo destaca a bocha paralímpica, seu histórico, suas características para que ao final, possa ser delineado as características do atleta BC3, foco desta pesquisa.

2.1 Bocha paralímpica

Existem habilidades básicas intrínsecas à própria natureza humana. Andar, saltar, lançar e correr são exemplos de movimentos básicos e simples que fazem parte de nosso cotidiano. Sendo assim, inúmeras atividades físicas, sejam para o lazer, recreação, competição, ritos religiosos, foram desenvolvidos por diversas civilizações desde os mais remotos tempos de nossa sociedade. Com isso, várias atividades humanas se perderam na história por terem sido criadas em vários locais diferentes, sem conexão anterior, embora cada sociedade tenha dado representações simbólicas específicas para essas atividades.

Como todos os exemplos anteriormente citados, existem versões de modalidades que podem ser antecessores da bocha adaptada praticados na Grécia clássica, Itália medieval e França moderna. Nas últimas décadas esse esporte teve boa difusão no Brasil através do Serviço Social da Indústria (SESI), implementando pistas de terra batida em suas dependências para a prática de bocha, tornando-a um esporte desenvolvido principalmente pela terceira idade (ROQUE, 2011).

A adaptação do esporte foi desenvolvida nos anos 70 nos países Nórdicos. Inicialmente apenas para pessoas com paralisia cerebral com severo comprometimento motor dos quatro membros. No Brasil, o esporte teve sua primeira representação nos jogos Pan-americanos de Mar Del Plata, no ano de 1995. Dois atletas foram chamados de surpresa para representar o Brasil com o fim de conhecer o esporte para posterior implantação no nosso país. Inacreditavelmente, o Brasil conseguiu a primeira colocação na competição. A Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) foi o órgão, subordinado ao Comitê Paralímpico Brasileiro, responsável pela inserção do esporte, incentivando a prática em todo território nacional a partir de campeonatos estaduais, regionais, brasileiros, participação nas Paralimpíadas Escolares e Campeonatos Internacionais, assim como capacitações dos profissionais e eventos relacionados (CAMPEÃO, 2002).

Hoje, o Brasil figura entre os melhores países na Bocha Paralímpica, ocupando o topo do ranking na categoria BC4, uma das quatro categorias da bocha (todas serão mencionadas neste trabalho posteriormente), tendo conquistado a primeira colocação nas últimas Paralimpíadas de Londres, em 2012. Nos últimos anos, outros países começaram a fazer constantes convites para que nossos atletas participem dos campeonatos fora do Brasil e outros tantos pedidos são feitos para que os atletas estrangeiros possam participar de nossos campeonatos, a exemplo das últimas Paralimpíadas Escolares 2013, na qual a Grã-Bretanha trouxe quatro atletas de bocha adaptada.

Os próximos tópicos sobre o jogo de bocha paralímpica, atletas dessa modalidade e, posteriormente, o árbitro de mesma, são o resultado dos conhecimentos acumulados pelo autor do presente trabalho durante os anos de 2010 a 2013 participando, como árbitro, dos campeonatos de bocha paralímpica que acontecem no

Brasil, cursos referentes ao mesmo e experiência profissional na monitoria da disciplina Educação Física Adaptada na UFRRJ, orientado pela professora doutora Márcia da Silva Campeão. Todas as informações seguem o manual de regras internacional de bocha paralímpica (BISFed, 2013).

2.1.1 O Jogo

Os esportes adaptados vêm se desenvolvendo e ganhando visibilidade, inclusive midiática, nos últimos anos. Portanto, hoje é de conhecimento comum que pessoas com deficiência possam praticar esportes, inclusive a nível internacional. Mas, a bocha adaptada têm aspectos incomuns até para os próprios esportes adaptados. Em nenhuma modalidade a integração de pessoas com o mais alto nível de comprometimento é tão completa e, além disso, é o único esporte paralímpico que a inclusão abrange até o gênero sexual – na bocha paralímpica homens e mulheres jogam juntos e/ou competem entre si.

Este esporte pode ser jogado de forma individual, em duplas ou em equipes de três jogadores. Para todas as modalidades de disputa existe um confronto entre o/os jogadores com bolas vermelhas contra o/os jogador/es com bolas azuis. Sendo seis bolas para cada lado, mas uma bola branca para cada jogador, também chamada de *jack* ou bola alvo. Cada uma dessas bolas pesa 275 gramas, podendo ter variação de 12 gramas para mais ou para menos, e mede 270 milímetros.



Figura 1 Bolas de Bocha Adaptada Fonte: Google Imagens

Quando o jogo é individual, um atleta contra outro, a partida é dividida em quatro parciais de 5 ou 6 minutos, definidos pelas classes dos atletas (estas sofreram a diminuição de 1 minuto por parcial a partir dos campeonatos realizados no ano de 2014).

O objetivo principal desse esporte é proporcionar a autonomia de seus atletas, dentro e fora de quadra. Já o objetivo específico de jogo, é aproximar o maior número de bolas de cor na bola alvo, branca ou *jack* no final de uma parcial.

O primeiro parcial do jogo é realizado sempre pelo jogador que, depois de um sorteio realizado pelo árbitro da partida, detém as bolas vermelhas. Neste momento, o jogador lançará a bola alvo. Em seguida, será lançada uma bola vermelha, quando o jogador tentará aproximar essa bola à *jack*. O próximo lançamento será feito pelo jogador de bolas azuis, que tentará encostar sua bola mais perto da bola alvo do que seu adversário com as bolas vermelhas (demonstrado na Figura 2 a seguir). Depois desses três primeiros lançamentos e não havendo nenhuma irregularidade, o árbitro verá qual bola esta mais próxima da *jack*. O jogador que estiver mais distante lançará novamente até ter uma bola com distância inferior da bola branca que seu adversário. Caso esse jogador consiga seu objetivo, será a vez de seu oponente tentar o mesmo. E assim, o jogo segue até o fim das bolas ou o término do tempo do parcial.



Figura 2 Início do Jogo. Fonte: Acervo pessoal

No fim de cada parcial, o árbitro fará a contagem dos pontos, sendo que só pontua o jogador que estiver com suas bolas mais próximas da *jack*. De tal modo que, se em um jogo a bola mais próxima da bola alvo for azul, a segunda azul também e a terceira vermelha, esta parcial terminaria com o resultado 2 azul. Os dois jogadores só podem pontuar, em uma mesma parcial no caso de bolas de cores diferentes equidistantes em relação à *jack*.

Depois das quatro parciais, o árbitro deve somar os pontos de cada uma dessas e dar o resultado final da partida, ocorrendo mais uma parcial, no caso de empate.

2.1.2 Quadra

Toda as marcações da quadra são feitas dentro de um retângulo que mede 12,5 metros por 6 metros, marcadas em superfície lisa, sem inclinações e desníveis, com fita branca de 5 cm e 2 cm. Em um dos lados desse retângulo existem 6 casas que medem 2,5 metros por 1 metro, numeradas de 1 a 6, da esquerda para a direita. Quando o jogo é individual, o jogador com bolas vermelhas deverá jogar na casa de número 3 e o jogador de bolas azuis na casa de número 4. Em pares, as casa ocupadas são 2 – vermelho, 3 – azul, 4 – vermelha e 5 – azul. Nos jogos de equipes, todas as casas são ocupadas, começando pela casa 1 com um jogador de bola vermelha, casa dois com um jogador de bola azul e assim sucessivamente. No momento do lançamento o/os jogador/es da cor que lançará deverá/rão estar completamente dentro de suas casas, assim como seus pertences.

À frente da marcação das casas uma linha “V” define a angulação que a *jack* pode assumir em cada parcial. Dessa forma, as bolas de cor não precisam ultrapassar essa marcação, mas a bola alvo sim.

No centro do campo de jogo, sem contar com a marcação das casas, existe um “X” que mede 25 cm por 25 cm. No caso da bola branca sair de quadra durante a partida, onde já existam bolas de cor na quadra, ou na partida de desempate, a bola alvo deverá ser posicionada nesta marcação.

Todas as marcações podem ser visualizadas na imagem abaixo (Figura 3), retirada do livro de Regras de *Boccia* de 2013, desenvolvido pela *BocciaInternational Sports Federation* – Federação Internacional de Bocha Adaptada.

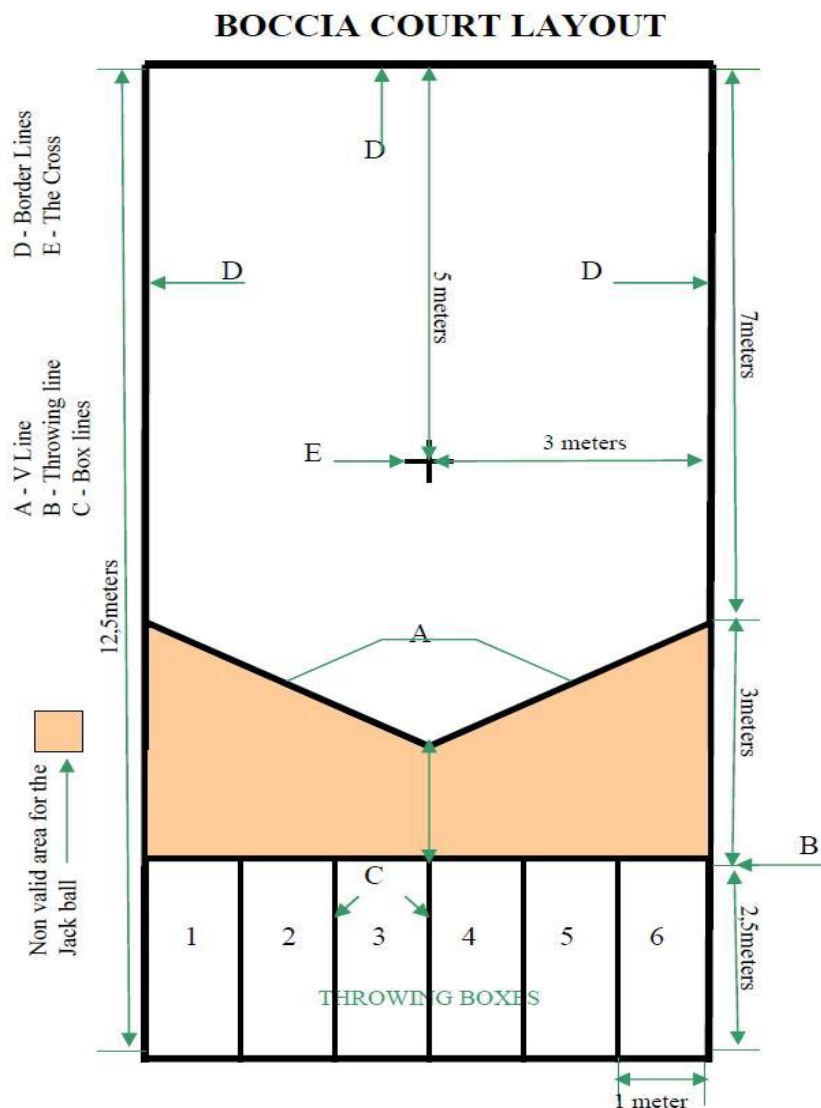


Figura 3 Quadra de Bocha. Fonte: BISFed, 2013

Fora da quadra existe uma área para se depositar as bolas “mortas”, que são compostas por bolas que foram lançadas fora do jogo, bolas lançadas com violação e bolas que o jogador desistiu de lançar por uma questão estratégica. Também representada na imagem acima (Figura 3).

Para que o jogo seja cronometrado, para o registro dos pontos e demais acontecimentos durante uma partida, um árbitro marcador sempre permanece com um controle de registros, mostrado nas imagens a seguir (figura 4 e 5), quando todas suas ações são transmitidas em uma tela posicionada em uma das extremidades da quadra de forma que os jogadores possam visualizar os dados da partida.

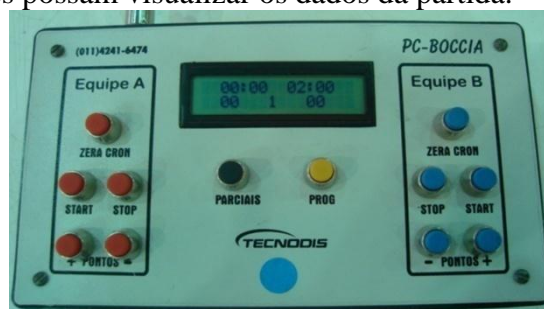


Figura 4 Cronômetro/Marcador. Fonte: Google imagens



Figura 5 Cronômetro/Tela de Visualização. Fonte:Google imagens

2.1.3 Classificação dos atletas

Bocha adaptada tem classificações específicas que definem em qual das quatro categorias do esporte um atleta pode ser inserido.

2.1.3.1 Classe BC1

É composta por atletas com paralisia cerebral com severo comprometimento motor nos quatro membros (Figura 6). Nesta classe, os atletas não têm empunhadura perfeita e necessitam de auxílio para locomover a cadeira de rodas e estabilizá-la. Durante o jogo o auxiliar pode, ao comando do atleta, entrega-lhe a bola, arredondá-la e ajustar/posicionar a cadeira de rodas. Pelas características funcionais que dão elegibilidade a esta classe, uma curiosidade nessa categoria é o grande número de atletas que lançam a bola com os pés, por ter maior habilidade motora com os membros inferiores do que com os superiores.



Figura 6 Atleta BC1. Fonte:Google imagens

2.1.3.2 Classe BC2

Também composta por atletas com paralisia cerebral (Figura 7). Essa classe tem

os jogadores com maior nível de habilidade motora entre as pessoas com paralisia cerebrais, embora os atletas necessitem cumprir o requisito de ter os quatro membros comprometidos. Os jogadores não precisam de auxílio, podendo guiar a própria cadeira de rodas, posicioná-la de acordo com sua preferência e tendo uma empunhadura capaz de segurar e lançar as bolas.



Figura 7 Atleta BC2. Fonte:Google imagens

2.1.3.3 Classe BC3

Talvez essa classe seja a que mais se destaque na bocha adaptada como uma modalidade que inclui pessoas antes excluídas até mesmo dos esportes adaptados. Nenhuma outra modalidade permite a participação de atletas com nível de comprometimento motor tão grave. Nesta categoria os atletas não possuem quase nenhum controle motor dos membros, sendo as causas dessa disfunção etiologicamente cerebrais, como paralisia cerebral, ou não cerebrais, como distrofia muscular (Figura 8). Necessitando de uma pessoa para auxiliar, através de comandos, e de um dispositivo que permita lançar a bola. Inicialmente foram usadas calhas de PVC, tradicionalmente utilizadas para escoar água, quando estas eram cortadas e usadas para fazer a bola rolar. Hoje, os dispositivos auxiliares se modernizaram, todavia continuam com essa denominação, calha. Os atletas devem comandar as ações dos auxiliares, que

permanecem durante todo o jogo de costas para o mesmo, dizendo para que lado e que ângulo deve assumir a calha. Porém existe uma exigência dada ao jogador, ele deve ser o último a encostar na bola antes dela ser lançada. Sendo assim, os atletas comumente fazem uso de ponteiros para executar os lançamentos, assim como visto na imagem abaixo (Figura 8).



Figura 8 Atleta BC3. Fonte:Google imagens

2.1.3.4 Classe BC4

A última classe da bocha adaptada foi incorporada posteriormente à criação do esporte. Afrouxando a regra de aceitar apenas atletas com paralisia cerebral, público inicial do esporte e motivo de sua criação. A classe BC4 permitiu que pessoas com deficiências e doenças que comprometem os quatro membros, assim como a paralisia cerebral na categoria BC2, pudessem participar do esporte. Deste modo, pessoas com lesão medular, distrofia, nanismo, dentre outras, entraram para o mundo desse esporte. O maior atleta de bocha adaptada de todos os tempos, o brasileiro Dirceu é um exemplo desses atletas com outras deficiências, neste caso específico, distrofia muscular (jogador com camisa verde na Figura 9).



Figura 9 Atleta BC3. Fonte: Google imagens

2.1.4 Árbitro

A arbitragem deste esporte exige concentração constante. Existem 4 árbitros para cada partida: o árbitro chefe, responsável por toda a “rodada” de jogos que estão acontecendo simultaneamente, é o árbitro com maior experiência na competição, específico para solucionar dúvidas e padronizar os jogos; em seguida, na hierarquia, vem o árbitro principal do jogo, este conduz uma partida específica, fazendo a verificação da posição das bolas em campo, mostrando um sinalizador com um lado vermelho e outro azul, simbolizando o jogador que deverá lançar a próxima bola, este árbitro também é responsável por anunciar início, término, tempo, substituição e resultado da parcial e da partida, assim como aplicar penalizações, advertências dentre outras funções para que a partida possa ser conduzida de acordo com as regras oficiais da *Boccia International Sports Federation (BISFed)*; outro árbitro de mesa faz todo o trabalho de marcação dos pontos, cronometragem (imagem do cronometro no item 3.3 Quadra) do tempo e outras anotações, como as violações na sumula do jogo; por último, o quarto árbitro na bocha adaptada é o árbitro de linha, como o próprio nome sugere este tem como principal função fiscalizar se não há contato ilegal do jogador ou seus objetos com as linhas que delimitam sua casa no momento do lançamento, outras funções como auxiliar o árbitro principal no recolhimento das bolas após a partida também podem ser atribuídas a este árbitro.

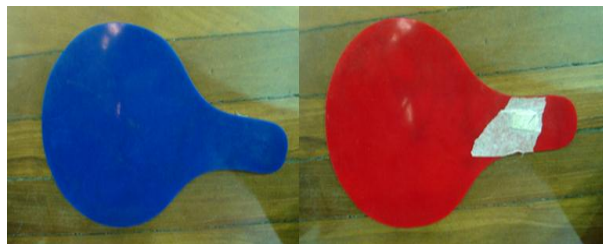


Figura 10 Sinalizador. Fonte: Acervo pessoal

2.2 Atletas de bocha paralímpica e seus principais quadros de deficiências e doenças

São várias as deficiências e doenças presentes nas pessoas que praticam a bocha adaptada. Como este trabalho não tem intenção de se aprofundar em cada uma delas, serão abordadas aqui três condições: uma doença muito conhecida e que está presente no brasileiro atleta atual campeão mundial da categoria BC4, a distrofia muscular, e as duas deficiências que mais estão presentes nos atletas de bocha, a lesão medular e a paralisia cerebral. Quando os itens que tratam da lesão medular e da distrofia fazem parte desse trabalho apenas para ilustrar a variedade de pessoas com diferentes características elegíveis para a bocha paralímpica, a paralisia cerebral terá uma atenção especial pois, é o foco de pesquisa, visto que o sujeito pesquisado tem essa deficiência.

2.2.1 Distrofia Muscular

A distrofia muscular é uma doença que afeta a musculatura não permitindo o desenvolvimento normal hipertrofico com a prática de atividades físicas. Dentre as formas que essa doença assume, a Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) é a mais comum e a mais grave (CAMPEÃO, 2012).

A etiologia da DMD provém da mutação do braço curto do cromossomo X, locus Xp21. Este gene tem a função de produzir distrofina, proteína regeneradora das fibras musculares micro lesionadas pela atividade física, levando à hipertrofia. No caso das pessoas com distrofia, a distrofina é ausente, causando a degeneração muscular da área lesionada. Por estarem presentes no cromossomo X, os homens são afetados hereditariamente, já as mulheres também recebem a herança genética, porém a mutação é assintomática (CAROMANO, 1999).

A criança distrófica é caracterizada pela fraqueza muscular progressiva aparente por volta dos 4 anos de idade. Os primeiros músculos a serem afetados são os responsáveis pela postura, pelve e tronco. Rapidamente a evolução da doença dificulta os movimentos básicos característicos dos humanos – andar, correr, saltar - e, posteriormente, a capacidade de se manter em pé é perdida (por volta dos 10 anos de idade). A musculatura extensora da coxa e quadril não é mais suficiente para manter o indivíduo em pé, necessitando do auxílio de braços e perna para assumir essa posição, hipertrofiando a panturrilha e caracterizando o sinal de Gowers. Da adolescência em diante a musculatura autônoma começa a ser atingida, levando a insuficiências respiratórias e, estas, sendo precursoras de infecções (SANTOS et al, 2006).

Bocha adaptada é uma das poucas atividades que estas pessoas podem realizar, pois seu desenvolvimento necessita de pouco movimento físico, dando-se ênfase à estratégia do jogo, dessa forma o jogador distrófico custa a entrar em fadiga e não prejudicando sua musculatura.

2.2.2 Lesão Medular

A lesão medular é uma das formas mais graves de agressão à medula espinhal, podendo esta ser precedida por doenças ou traumas. Podemos classificar a lesão medular em duas categorias: paraplegia ou tetraplegia. Após a lesão, são acometidas áreas do córtex motor, levando o indivíduo a um comprometimento nos sistemas urinário, intestinal, respiratório, circulatório, sexual e reprodutivo (BRUNOZI et al, 2011). A ocasião da lesão medular é caracterizada pela quebra da comunicação entre as funções cerebrais e as zonas abaixo da região lesionada. Dependendo do nível desse rompimento é que poderemos determinar as diferentes alterações observadas nas pessoas afetadas. De acordo com o grau de comprometimento podem ser afetados os movimentos voluntários e a sensibilidade (tátil, dolorosa e profunda) em membros inferiores e superiores, além de alterar o funcionamento de vários sistemas do organismo (BAMPI, 2008). Se a lesão atingir os corpos neurais da haste dorsal, os neurônios sensoriais irão prejudicar o funcionamento do sistema nervoso autônomo, se a área mais afetada for dos neurônios localizados na haste ventral, o sistema nervoso voluntário irá comprometer as funções motoras. Na bocha adaptada os lesados medulares fazem parte da classe BC4 e BC3. O Brasil é atualmente uma das potências na classe BC4.

2.2.3 Paralisia Cerebral

A paralisia cerebral foi descrita pela primeira vez em 1843, por Little, sendo inicialmente denominada encefalopatia crônica da infância, sua definição, ainda rudimentar, era que essa deficiência tinha como etiologia a rigidez muscular. Em 1897 Freud cunha o termo paralisia cerebral, usado até hoje e que foi, principalmente, difundido a partir de Phelps, tratando de transtornos motores devido à lesão do sistema nervoso central (DIAMENT apud DIAMENT & CYPHER, 1996).

Alguns autores consideram desapropriado o termo paralisia cerebral (CAMPEÃO apud LEITÃO, 2002; BRANDÃO, 1985). O motivo se deve pelo fato das pessoas que apresentam essa anomalia não terem necessariamente uma paralisia da região afetada, estaria mais associado a um descontrole motor com características que variam em relação à região e extensão da lesão. Assim, Brandão (1985) sugere que o termo seja alterado para Dismotria Cerebral Ontogênica, demonstrando que não se trata de falta de movimento, necessariamente, mas de desordem motriz causada pela irregularidade do tônus muscular proveniente de anomalia dos primeiros neurônios motores no sistema nervoso central. Estudos mais recentes preferem o termo Encefalopatia Crônica Não Progressiva (VALARELLI, SAES, VIEIRA, 2010), por ser um termo que descreveria com mais exatidão a deficiência nervosa em questão. Contudo, o termo Paralisia Cerebral e sua abreviação, “PC”, é largamente difundido e tem ampla aceitação pelas pessoas com essa deficiência. Diferente do termo “deficiente”, que não era bem aceito, e que deu lugar a “pessoa com deficiência” nos últimos anos, o termo PC não parece ofender a condição das pessoas com essa deficiência, pelo menos no meio conhecido pelo autor do esporte paralímpico, além da dificuldade de difusão/adesão dos termos sugeridos como substitutos (técnicos demais para as pessoas que não são da área da saúde).

A Paralisia Cerebral consiste em um grupo de deficiências físicas ainda não progressivas que surge precocemente na vida, geralmente na infância ou em seu início. A paralisia cerebral é caracterizada pela limitação de habilidade para se mover e se

manter em equilíbrio e postura devido ao desenvolvimento anormal ou dano em uma ou mais partes do cérebro que controla o tônus do músculo e reflexos espinhais. As mudanças subsequentes no tônus do músculo e reflexos espinhais dependem da localização e grau da lesão no cérebro. Desordens motoras associadas com a Paralisia Cerebral (PC) podem também levar a distúrbios na sensação, percepção, cognição, comunicação e comportamento (MOORE, 2009).

Outra definição clássica, apresentada em 1959 no Simpósio de Oxford, é:

Sequela de uma agressão encefálica, que se caracteriza, primordialmente, por um transtorno persistente, mas não invariável, do tônus, da postura e do movimento, que aparece na primeira infância e que não só é diretamente secundário a esta lesão não evolutiva do encéfalo, senão devido, também, à influência que tal lesão exerce na maturação neurológica (ROBERTSON, SAUVE e CHRISTIANSON, 1994, p. 40).

As pessoas com essa deficiência, embora não haja números exatos, são predominantes na bocha paralímpica. Reflexo da criação do esporte, que, como foi dito em subitem específico, foi criado exclusivamente para pessoas com essa deficiência, apenas aceitando mais tarde a participação de outras pessoas com o mesmo grau de comprometimento motor, mas em classes diferentes (ver subitem sobre classes da bocha paralímpica) (SANTOS, 2014).

A etiologia desta deficiência tem diversas causas e pode ocorrer em qualquer período de desenvolvimento do feto ou recém-nascido. Normalmente, a paralisia é causada por uma mutação genética ou infecção na fase gestacional (pré-natal); também podendo acontecer no momento do parto (perinatal) principalmente por anóxia; e a terceira possibilidade é após o parto (pós-natal), através de traumatismo craniano, que nesta fase é uma região ainda em formação, se encontrando muito frágil; dentre outras complicações (SOUZA apud CAMPEÃO, 2002).

Existem algumas classificações diferenciando por característica, nível, extensão e local da lesão a paralisia cerebral:

Tipo espástico: ocasionado por uma anomalia no sistema piramidal é a mais comum, 75% dos casos, e pode ser reconhecida pelo tônus elevado de alguns músculos. É comum encontrar deformações ósseas e posturais nas pessoas com esse tipo de paralisia. Este tipo de paralisia se associa, mais frequentemente que os outros tipos, com déficit cognitivo - embora ainda não haja estudos que comprovem que essa diminuição intelectual seja relacionada à deficiência clínica ao invés da falta de estímulos físico e intelectuais ao longo da vida (HIMPENS et al, 2008).

Tipo discinético ou atetóide: segundo subgrupo mais encontrado nas pessoas com paralisia cerebral. É mais facilmente percebido quando se inicia um movimento, esse se caracteriza pela lentidão, muito próximo das imagens de câmera lenta. Além disso, há movimentos circulares involuntários também desenvolvidos com lentidão. A região neural afetada é composta pelo núcleo da base, acima da região piramidal no sistema nervoso central (ROSENBAUM, et al, 2007).

Tipo atáxico: raramente encontrado e dificilmente diagnosticado esse tipo de deficiência tem origem no cerebelo, área de controla os movimentos finos, como escrever e tocar instrumentos musicais. As pessoas com esse tipo de lesão

podem apresentar hipotonia, dificuldade de equilíbrio e baixa coordenação motora (CAMPEÃO *apud* LEVITT, 2002).

2.2.3.1 Atleta BC3

O atleta de bocha paralímpica da classe BC3 é, em sua grande maioria, pessoa com paralisia cerebral. Assim como as demais classes desse esporte, mas, diferentemente das outras, essa classe reúne os atletas com o mais alto grau de comprometimento motor gerado pela deficiência física. Alguns desses atletas têm seu distúrbio motor estendido às áreas responsáveis pela fala, como explica Teixeira (2012): se a paralisia cerebral afetar a área de Werneck o indivíduo terá dificuldade em compreender a fala; já se for a área de Broca a deficiência estará na produção e articulação das palavras. Portanto, para fins de estudo nesta pesquisa, no grupo de atletas de bocha paralímpica com paralisia cerebral, escolheu-se trabalhar com aqueles mais comprometidos, incapazes de oralizar. Para tanto, acreditou-se que seria necessário um método de coleta de dados capaz de penetrar na vida dessas pessoas, de tal forma que o pesquisador conseguisse partilhar da história desses sujeitos, não das informações que os outros fornecem sobre eles, mas daquilo que eles mesmo podem contar sobre suas próprias vidas. A narrativa surgiu como uma possibilidade de atingir esse objetivo. Nas próximas páginas trataremos do conceito de narrativa e comunicação.

3 NARRATIVA E PARALISIA CEREBRAL COM AFSIA MOTORA

Nas próximas linhas será introduzido o conceito básico de comunicação, crucial para que se estabeleça um diálogo com o sujeito que essa pesquisa se propõe a estudar. Em seguida o conceito de narrativa e sua proposta como forma de pesquisa científica, serão abordados. Por fim, será apresentada a relação entre a narrativa e a pessoa com PC e afasia motora.

3.1 Comunicação e linguagem

Para se compreender um pouco seu processamento, destacar-se-ão dois componentes fundamentais: pensamento e linguagem a partir do olhar de Vygotsky (1991). Para este autor, pensamento e linguagem são dois processos paralelos, separados, mas ao mesmo tempo, relacionados e interdependentes. Afirma a possibilidade de existência do pensamento sem linguagem e da linguagem sem pensamento, mas destaca que está na sua interseção o salto da espécie humana, única a manejar este encontro com destreza e capaz de produzir o pensamento verbal. O pensamento abstrato, a capacidade de representação, a possibilidade de construção de outro espaço-tempo fora do real advém desta conexão. Na comunicação, isto se revela na capacidade de construir a realidade, o conhecimento não é apenas imputado de fora para dentro, ou herdado de dentro para fora, ele é construído na interação homem ambiente utilizando as funções psicológicas superiores. Diferentemente dos outros animais, o homem tem a capacidade de ter consciência de si e do mundo, de modificar a si e o ambiente, de fazer história, e de superar muitas de suas limitações físicas.

A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência. Todos os pensamentos tendem a relacionar determinada coisa com outra, todos os pensamentos tendem a estabelecer uma relação entre coisas, todos os pensamentos se movem, amadurecem, se desenvolvem, preenchem uma função, resolvem um problema. Esta corrente do pensamento flui como um movimento interno através de uma série de planos. Qualquer análise da interação entre o pensamento e a palavra terá de principiar por investigar os diferentes planos e fases que um pensamento percorre antes de se encarnar nas palavras. (VYGOTSKY, 1991, p. 124).

O autor trata nesse trecho da interação do pensamento com a palavra, e diz que para se compreender a interação entre o pensamento e aquilo que é comunicado é necessário conhecer a trajetória percorrida até a externalização. Dessa forma, se faz necessário conhecer o desenvolvimento do pensamento. O autor enumera as correntes psicológicas que tentaram, sem quase nenhum avanço, compreender a interação entre pensamento e palavra, todos os resultados se encaminhavam para o reducionismo do associacionismo, teoria que acredita que toda palavra teria seus significados consolidados e que a tarefa de se comunicar seria feita pela simples associação entre pensamento e significado de palavras pré-definidas. O autor discorda dessa hipótese e, no texto acima destacado, propõe que sob seu ponto de vista, o discurso interno e o externo estão em constante fluidez, sendo reestruturado o tempo todo (VYGOTSKY, 1991).

Na busca de compreender o discurso interno e externo, o autor remonta ao desenvolvimento infantil e fala sobre o discurso egocêntrico: fase onde a criança aparentemente mantém conversas audíveis consigo mesma. Inicialmente acreditava-se no decorrer do desenvolvimento, próximo a fase escolar, que a criança desenvolvia seu discurso interior, deixando aos poucos o discurso egocêntrico, ou seja, passando a perceber-se como mais um sujeito entre outros, a criança perceberia que não havia sentido em falar em voz alta aquilo que pode apenas pensar. O autor formula outra hipótese, para ele não há ruptura de um discurso para o outro, na verdade o discurso egocêntrico seria parte do desenvolvimento para o discurso interior, no primeiro o sujeito ainda não consegue abstrair suas ideias ao ponto de apenas pensá-las, a fala ajuda fortalecendo aquilo que se pensa, em outras palavras, nesse período o pensamento é externo a pessoa. Depois dessa etapa, o discurso para si mesmo passa ser apenas interno e “o discurso interno interior é um discurso sem palavras” (VYGOTSKY, 1991, p. 144).

Ao contrário do discurso, o pensamento não é constituído por unidades separadas. Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um rapaz descalço de camisa azul a correr pela rua abaixo, não vejo cada elemento em separado: o rapaz, a camisa, a cor desta última, a corrida do rapaz, a ausência de sapatos. Concebo tudo isto num só pensamento, mas exprimo o pensamento em palavras separadas. Um interlocutor leva por vezes vários minutos a expor um só pensamento. No seu espírito o pensamento encontra-se presente na sua globalidade num só momento, mas no discurso tem que ser desenvolvido por fases sucessivas (VYGOTSKY, 1991, p. 148).

Enriquecendo este debate, Luria (1990) discorre que neste processamento de informação e conseqüentemente transformações em conhecimento, diversas variáveis atuam, não apenas o aspecto cognitivo com a qualidade do raciocínio, mas também os aspectos afetivos e sociais, como por exemplo, a motivação e a interação social.

Questão importantíssima para se compreender a forma de comunicação das pessoas que não oralizam, tanto os sujeitos desse trabalho, como as pessoas mudas que usam a Libras, ao se comunicar - os primeiros pela digitação adaptada e os segundos pelos sinais - reduzem as frases ao máximo, exprimindo em poucos, ou até mesmo em um termo, frases complexas. Para ilustrar, podemos criar uma situação: em uma conversa com um amigo você avista ao longe outro colega e diz, em linguagem oral: “com licença, vou ali falar com meu colega!”. Caso a mesma situação ocorresse com os sujeitos da pesquisa, ter-se-ia “eu-ir-colega”, por exemplo. É possível perceber que a frase, da mesma forma que a primeira, é inteligível, porém o uso de conjugações, conectores e outros, é substituído pela interpretação de pronomes e verbos. Vygotsky (1991) percebeu essa relação entre palavra e significado no estudo do desenvolvimento infantil. Este diz que existem dois processos antagônicos em sua estrutura, mas complementares em sua relação: fonética e semântica. Nos primeiros anos do desenvolvimento da linguagem a criança deseja expressar alguns desejos, porém ainda não tem um arcabouço definido de palavras em seu estoque para se socializar, sendo assim, há um grande esforço para apreender algumas palavras. Em contrapartida, a semântica devida à falta de recurso linguístico tem que ser mais elaborada, já que as poucas palavras que serão, esforçadamente, pronunciadas, devem conter significados mais elaborados, para que o trabalho seja produtivo e haja decifração pelos interlocutores. Assim, enquanto, a fonética é básica, a semântica é complexa.

A relação entre fonética e semântica dá pistas de onde há a bifurcação na comunicação das pessoas que não oralizam e as que oralizam. Enquanto as últimas se desenvolvem seguindo a lógica cultural de toda raça humana, na qual a linguagem

falada é o próximo nível, com grande desenvolvimento da fonética, as pessoas com deficiência nessa área continuarão fazendo e desenvolvendo a semântica em suas formas alternativas de comunicação.

Essa questão se segue até a fase adulta e, pela experiência que foi adquirida na relação com esse grupo, pode-se perceber que, na alfabetização a escrita se manteve, e se mantém com características da fala. Dessa forma, espera-se nesse trabalho que as narrativas produzidas entre os sujeitos e os pesquisadores estejam bem desenvolvidas pela semântica e menos pela fonética.

Tendo conhecimento básico sobre os processos de organização do pensamento e como este “encarna” nas palavras, mais que isso, como “encarna” na comunicação – compreendendo que comunicação é muito mais que palavras... – vamos adentrar agora no resultado disso: a narrativa.

3.2 Narrativa

O que faz as coisas terem valor? Na idade antiga poderíamos falar, em Atenas, da honra, do conhecimento; no medievo, da religião; na modernidade, da produção, do positivismo. E agora, o que é valorativo para nossa sociedade? Partir-se-á do ponto de vista de que, assim como os sofistas disseram há muito tempo, não existe verdade, a verdade não é composta por fatos verossímeis, mas pelo melhor discurso. Evidente que, ao dizerem isso, os sofistas estavam inseridos em um meio social, no qual essa postura era favorável para a elaboração de discursos, em uma sociedade que era regida por aquele que falava melhor em público (SOUZA, 2005). Alguns milhares de anos mais tarde, Cassirer (1992) também fala algo sobre a improbabilidade de se encontrar a verdade na linguagem, já que, para o autor, ao enunciarmos, ao retirarmos do mundo das ideias uma informação e transmiti-la, estamos corrompendo a “pureza abstrata” da verdade, mitificando a ideia original.

Então, até que ponto a verdade das coisas é verdade e até que ponto isso importa? Para Bruner (1997) essa questão, ao trabalharmos com o discurso, não deve ser um obstáculo.

Uma psicologia culturalmente sensível (especialmente uma que conceda um papel central à psicologia popular como fator mediador) é, e deve ser, embasada não apenas no que as pessoas realmente fazem, mas no que elas dizem que fazem e no que elas dizem que as fez fazer o que elas fizeram. Ela também está interessada no que as pessoas dizem que os outros fizeram e porquê. E, acima de tudo, ela está interessada em como as pessoas dizem que seus mundos são (BRUNER, 1997, p. 25)..

O autor deste presente trabalho também pensa que não podemos negligenciar o conhecimento do senso comum (chamado por Bruner (1997) de “psicologia popular”), pois é este que guia grande parte das ações humanas, mesmo quando advém de um conhecimento científico, logo é adaptado para que as pessoas comumente possam utilizá-lo. Para conhecermos e estudarmos esse conhecimento é preciso estar disposto a entender o que as pessoas têm a dizer. O foco aqui não é refutar ou comprovar cada dado, cada data, cada nome que o discurso dos sujeitos vai disponibilizar, é entender os fatores que atravessam o que eles estão falando sobre o tema desenvolvido. A verdade canônica, perfeita e inatingível não importa no presente estudo, o que realmente importa é a verdade de cada um, porque ela é contada de tal forma e não de outra, qual a importância que ela tem para a pessoa que conta, porque ela conta para os entrevistadores dentro de um espaço-tempo e não em outro, e assim por diante.

Há uma deformação curiosa na acusação de que “o que as pessoas dizem não é necessariamente o que elas fazem”. Ela implica que o que as pessoas fazem é mais importante, mais “real”, do que o que elas dizem, ou que esta última categoria é importante apenas pelo que pode revelar a respeito da primeira. É como se o psicólogo desejasse lavar suas mãos totalmente dos estados mentais e de sua organização, como que afirmando que “dizer”, afinal, trata apenas do que nós pensamos, sentimos, acreditamos, experimentamos. É curioso que haja tão poucos estudos indo na outra direção: como as pessoas de fato revelam o que elas pensam, ou sentem, ou acreditam? Isto independentemente do fato de que a nossa psicologia popular é sugestivamente rica em categorias como “hipocrisia”, “insinceridade” e similares (BRUNER, 1997, p.26).

Tendo em vista a importância do diálogo, principalmente nos dois níveis que foram apresentados: o processo de formação do discurso interno para o externo; e o processo de comunicação; sendo o primeiro, questão primordial para o desenvolvimento do segundo; o trabalho falará brevemente sobre o conceito de narrativa.

Bruner (2001) apresenta a narrativa como veículo privilegiado de organização e estruturação de significado. O homem pode usar da narrativa para aprimorar sua relação com o mundo, com caráter proativo, ele lê, interpreta, problematiza e dirige sua interação com a realidade. O contexto sócio-cultural e as novas experiências levam a novas narrativas. O processo de invenção e construção da realidade é ininterrupto e infinito. Quanto mais consciente de si e maior o autoconhecimento, maior probabilidade de autonomia. A seleção, organização, resgate e aplicação das informações transformados em conhecimentos passam pela escolha e atividade do sujeito. Assim significado e sentido se ligam, compreendendo significado como a conotação compartilhada e sentido a construção pessoal. Bruner distingue dois tipos de pensamento: paradigmático e narrativo, o segundo pode favorecer o primeiro. O pensamento paradigmático aproxima-se do científico, acadêmico contempla a objetividade e o pensamento narrativo aproxima-se do literário, do mítico, contempla a subjetividade. O autor (2001) aponta que a narrativa é um dos caminhos para o desenvolvimento da metacognição. A narrativa expressa uma leitura de mundo, uma interpretação que se apresenta através de um canal de expressão, por exemplo, a língua, emitida por sons ou por sinais.

É difícil encontrar uma síntese do conceito de narrativa pela abordagem da psicologia cultural justamente pela sua abrangência e ao mesmo tempo singularidade, o que dificulta generalizações. Sem intenção de definição, Bruner (1997) diz que a narrativa é um princípio “pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm” (idem, p. 41) e completa dizendo que essa forma de “organizar as experiências” é diferente da organização científica porque adota determinadas características específicas, divididas pelo autor em cinco:

1. Sequencialidade: a narrativa segue uma ordem de eventos únicos, que são formulados pelo narrador de acordo com seus critérios de sequencialidade sem regras externas a ele; da mesma forma o ouvinte/pesquisador precisa estar aberto à narrativa, significando aquilo que se apresenta a partir de seus próprios critérios subjetivos, ou seja, não é uma exposição de fatos, é uma relação dialógica;
2. Indiferença factual: o que se apresenta pode fazer parte de uma história “real” ou “imaginária”, sem prejuízo de valor. O que importa na narrativa é a sequência dos fatos e o motivo de serem dispostos como tal, e não sua veracidade. Dutra (2002) concorda com o pensamento de Bruner ao dizer que na narrativa não

existe informação, é apenas história contada, de acordo com as lembranças e com a forma que o narrador quer, podendo ser interpretada pelo pesquisador através da sua própria experiência, ao contrário da informação que é objetiva, já dada com respostas, com justificativa.

3. Forma singular de manejar afastamentos do canônico: a sociedade é formada por “regras” de comportamento que facilitam nossa interação social, quando existe um desvio, a narrativa se incumbe de ajustar aquela situação dentro de uma possível explicação convincente, nas palavras de Bruner (1997), “a função de uma história é encontrar um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão cultural canônico” (idem, p. 50).
4. Qualidade dramática: para se narrar é preciso de um ator, uma ação, uma meta, um cenário e um instrumento; quando ocorre um desvio moral dentro desse equilíbrio teatral ocorre um problema, mas mesmo no caso do último, a moral ainda é uma questão dominante na narrativa, “mesmo que se seja uma posição moral contra as posições morais” (BRUNER, 1997, p. 51).
5. Paisagem dual: enquanto o narrador conta sua história e pode-se observar essa externalização, ao mesmo tempo existem “eventos mentais” acontecendo simultaneamente, estes dialogam construindo uma história não apenas para quem ouve, mas para si mesmo. Silva (2010) acrescenta:

As narrativas têm a função de ferramentas na construção e reconstrução das identidades sociais, caracterizando um processo que se desenvolve no desenrolar do próprio narrar. Envolvem, portanto, uma negociação dos seus valores e de como as ações deverão ser compreendidas e interpretadas por quem as ouve. (SILVA, 2010, p. 5).

Ainda sobre a paisagem dual, mas dialogando com as outras características descritas por Bruner (1997), Dutra (2002) escreve:

[...] o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, uma relação de intersubjetividades, que se dá num universo de valores, afetos, num passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que reflete, revela, conserva e transcende o mundo em que esses personagens estão inseridos. (DUTRA, 2002, p. 374).

Marques e Satriano (2014, p. 3) consideram o método narrativo como “um exercício de autonomia e autoria do pensamento” questão importantíssima para grupos marginalizados socialmente, e complementam:

A escolha pela narrativa no processo de enunciação tem como meta implícita o empoderamento da pessoa e do grupo. Quando as pessoas conversam mais, quando compartilham mais espaços sociais (quadras, clubes, praças etc.) amplia-se a possibilidade da interlocução, da identificação e da organização sociopolítica. (MARQUES; SATRIANO, 2014, p. 14)

Vieira e Henriques (2014), citando Mc Adams (2001) concordam com Marques e Satriano (2014) ao dizerem, em outras palavras, como é importante “estar-com-no-mundo” – como disse Dutra (2002):

Na medida em que o autoentendimento de uma pessoa está integrado sincronicamente e diacronicamente, de modo que ela possa se situar de maneira significativa em algum nicho psicossocial e possa prover sua vida com algum grau de unidade e propósito, esta pessoa tem identidade. (VIEIRA; HENRIQUES, 2014, p. 167).

A narrativa vindo sendo utilizada em diversos trabalhos como forma de repensar o diálogo tradicional entre dominante-dominado, embora essa perspectiva seja comumente ligada ao autoritarismo sobre crianças e adolescentes, principalmente quando estas se encontram em estado de risco (como precarização de higiene e alimentar, abandono, deficiência, entre outras) (COSTA, 2000, LUZ, 2000; MARQUES & SATRIANO, 2014).

Para Vieira e Henriques (2014), apenas temos clareza daquilo que pensamos quando externalizamos a partir da linguagem, nas palavras dos autores: “a mente não pode ser entendida senão como uma construção intersubjetiva, a qual é objetivada através da linguagem partilhada por uma determinada cultura.” (VIEIRA & HENRIQUES, 2014, p 168). Narrativa, então, teria uma relação direta com identidade, pois é através da primeira que nos anunciamos no mundo em que vivemos, passando de indivíduos passivos dentro de nossos grupos, para pessoas atuantes em nosso meio, com poder de diálogo (SILVA & TRENTINI *apud* MARQUES & SATRIANO 2014; VIERA & HENRIQUES, 2014; DUTRA, 2002).

3.3 Narrativa da pessoa com paralisia cerebral e afasia motora

Para Polonio e Silva (2013), a dificuldade na comunicação das pessoas com paralisia cerebral decorrente de uma lesão motora orofacial que prejudica a articulação dos músculos da face e assim a capacidade de oralização pode resultar em prejuízos no desenvolvimento intelectual, além do social e afetivo. Para os mesmos, a comunicação é considerada elementar para a aquisição de conhecimentos e para o desenvolvimento humano, visto que é através dela que ocorre a construção do pensamento, pois é também por meio dela que nos relacionamos uns com os outros e com o mundo e, desta forma, entende-se que o desenvolvimento da inteligência se dá na medida em que as funções orgânicas dos sujeitos estejam ligadas aos círculos social e cultural (*idem*, 2013).

De acordo com Castellano e Freire (2014) e Castellano (2010), a comunicação das pessoas com paralisia cerebral pode não se dar apenas através da locução verbal, mas também através de gestos, traços, expressões ou designações como meios de comunicação, podendo eles terem a necessidade de serem ouvidos e reconhecidos pelos outros sujeitos através de suas expressões da face e do corpo, através da produção de seus silêncios e sons, pois, tudo isso pode ser considerado linguagem (*idem*). Desta forma, a pessoa com paralisia cerebral transforma-se em um corpo falado, tornando-se falante de tantas outras formas subjetivas, e necessitando ser interpretado pelo outro por meio de uma relação intersubjetiva (*idem*).

Apesar de as consequências da paralisia cerebral terem sua incidência principalmente na motricidade, o acometimento da linguagem em crianças com este tipo de deficiência tem registrado níveis significantes (MASSI, 1997). Desta forma, a linguagem deve ser vista como um evento interativo que abrange uma adaptação ininterrupta de imagens que os sujeitos fazem entre si, a construção do significado, a troca de papéis e de informações mútuas. Desta maneira, a pessoa com PC pode ter um acometimento em sua linguagem justamente pela falta da interação intersubjetiva com outros sujeitos desde a fase da infância, levando isto para a vida adulta. Assim, torna-se essencial às pessoas com PC se as pessoas próximas colaborem com o desenvolvimento de comunicação alternativa para a substituição da comunicação verbal quando esta está comprometida, a fim de estimular o desenvolvimento cognitivo dessas pessoas (MASSI, 1997; MIRANDA E GOMES, 2004).

O desenvolvimento da fala e da cognição em pessoas com Paralisia Cerebral deve ser incitado desde a infância, quando a criança PC é estimulada principalmente

pela mãe (CESA, 2010). A mãe da criança com PC tem um papel fundamental para o seu desenvolvimento, tornando-se (quando presente) a pessoa mais importante para a esta. Porém, algumas mães acreditam que apenas a linguagem corporal somada aos sons, choros e sorrisos produzidos pela criança são suficientes para que elas consigam fazer uma interpretação do que esta (com nenhuma ou grande limitação de oralização) quer comunicar, o que sugere que de forma inconsciente a mãe acaba desenvolvendo um medo da independência do filho(a), resultando muitas vezes em frustração e insatisfação por parte da criança, fazendo com que esta simplesmente aceite o que a mãe “traduz”, prolongando a relação de simbiose até a fase adulta (idem, 2010). Comin e Amorin (2010) concordando com Cesa (2010), afirma que as pessoas e ambiente ao redor da pessoa com deficiência têm influência direta sobre seu desenvolvimento, mostrando que o contexto em que a pessoa está inserida torna-se essencial para sua constituição, pois, esta fica submetida às suas peculiaridades, construindo limitações e possibilidades a partir dele. O mesmo autor também afirma que uma pessoa “surge” e desenvolve sua identidade por intermédio de sua relação com o outro, passando a se ver a partir do olhar do outro. Dessa forma, a interação entre os indivíduos acontece de forma simbólica de forma que os sujeitos podem ser entendidos de forma original já que o outro é referenciado não como algo externo à pessoa, mas como alguém que é parte integrante desta, colaborando para um método de constituição de uma identidade que só pode existir por causa da visão do outro (COMIN, AMORIN, 2010).

Ao considerar as características físicas e sociais relacionadas à paralisia cerebral, é perceptível que existe uma discrepância na relação autonomia/independência que esses sujeitos têm, e que poderiam ter. Para Diogo (1997), a autonomia representa a liberdade pessoal de tomada de decisão dentro dos princípios éticos da comunidade, enquanto a independência estaria ligada a capacidade física necessária para dar manutenção à vida, executando os desejos e necessidades pessoais. Ou seja, a pessoa com paralisia cerebral, embora muito dependente de outras pessoas e/ou tecnologias para viver, poderia, teoricamente, ter sua autonomia preservada, já que sua capacidade intelectual normalmente não é afetada pela deficiência, mas não é esse o quadro visto no Brasil, tanto pela experiência do pesquisador, quanto dos resultados encontrados na literatura (CAMARGO et al, 2012).

Buscando quantificar as pesquisas nacionais na área do presente estudo, foi realizada uma pesquisa no portal de periódico Scielo, com os seguintes indicadores e resultados:

Indicador	Total
Paralisia cerebral	219
Paralisia cerebral + Afasia motora	0
Paralisia cerebral + Discurso	3
Paralisia cerebral + Narrativa	0
Paralisia cerebral + Enunciação	0
Paralisia cerebral + Atleta	0
Paralisia cerebral + Bocha	0

Dos 219 artigos encontrados que perpassavam o tema “paralisia cerebral”, apenas três destes relacionavam “paralisia cerebral e discurso”, sendo que apenas um referia-se ao discurso da própria pessoa com paralisia cerebral (MASSI et al, 2009), os outros versavam sobre os outros atores envolvidos, quer seja fisioterapeuta, médico ou educador (BORTAGARAI, RAMOS, 2013).

Considerado a escassez de trabalhos na área de pessoas com paralisia cerebral associadas a qualquer outra questão que não seja a própria deficiência, é evidente que esse grupo se encontra fragilizado socialmente. Mesmo os três trabalhos que pretendem dialogar a questão da paralisia cerebral, apenas um busca a própria pessoa com deficiência e esta é uma criança de quatro anos, o foco, nesse caso, foi desenvolver a comunicação, e não saber o que o sujeito tinha a dizer (MASSI et al, 2009).

No presente trabalho quer-se aproximar do sujeito pesquisado, dialogar com ele, conhecer seu mundo, reconhecendo que o pesquisador sabe muito menos da vida do sujeito do que o contrário. Abaixo descreve-se a metodologia empregada para tanto.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa segue o constructo da psicologia cultural de Bruner, concordando com a importância que o autor dá para o diálogo na formação cultural, que é condição básica para a existência humana, assim como a conhecemos (BRUNER, 1997, p. 25):

Uma psicologia culturalmente sensível (especialmente uma que conceda um papel central à psicologia popular como fator mediador) é, e deve ser, embasada não apenas no que as pessoas realmente fazem, mas no que elas dizem que fazem e no que elas dizem que os outros fizeram e porquê. E, acima de tudo, ela está interessada em como as pessoas dizem que seus mundos são.

Jovchelovitch e Bauer (2002) categorizam a pesquisa narrativa como um método qualitativo de pesquisa social. O autor se respalda na pesquisa narrativa como coleta de dados descrita por Schutze (citado por JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002), que tem sua relevância, para esta pesquisa, no fato de estruturar e apontar uma forma de dialogar com questões subjetivas, fazendo mão da intersubjetividade proporcionada pela interação social. Entretanto os objetivos desses pesquisadores levaram a estudos historiográficos e investigativos como apontam os próprios autores (idem, 2002), sem focar no diálogo com o “estar-com-no-mundo” (DUTRA, 2002) e incentivar a “autonomia e autoria” do pensamento (MARQUES; SATRIANO, 2014), independente da veracidade e dependente da sequencialidade, como diz Bruner (1997).

O trabalho tem caráter qualitativo, buscando conhecer a história de vida de pessoas com deficiência física, comprometidas a nível motor nos quatro membros, incapazes de oralizar, atleta de bocha paralímpica da classe BC3 através da autonarrativa.

Sendo assim, o trabalho se interessa pela interpretação da interação entre a pessoa e o mundo a sua volta, e como tudo isso é sentido e expressado através da comunicação. Dutra (2002) chama a atenção sobre a importância e peculiaridades da narrativa, tanto para o narrador, quanto para o ouvinte, e como a narrativa pode ser uma eficaz técnica metodológica:

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas idéias fenomenológicas e existenciais. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa. (DUTRA, 2002, p. 374).

Bardin (2009), com a análise de conteúdo, e Jovchelovitch e Bauer (2002) tem

propostas bem empregadas até os dias de hoje para tratar dados transcritos de uma entrevista. Contudo, essas formas de tabulação e categorização retiram da narrativa uma questão primordial: o todo e o próprio entrevistador em cena. Para além do aprofundamento da discussão em temas recorrentes e carregados de significados – assim como os olhos, que são multifocais, e vêem muito mais do que está na sua frente – propõe-se analisar a narrativa pelo que ela é: uma autoria da vida, uma inserção cultural do ser na realidade, uma vivência contextual, uma leitura interpretativa da realidade. Nas palavras de Bruner (1997, p.60): “[...] as pessoas não lidam com o mundo evento por evento, assim como não lidam com um texto sentença por sentença. Elas esquematizam eventos e sentenças em estruturas maiores [...]”. Todo sentido é fruto de uma negociação.

Propõe-se a análise narrativa, visto que não se objetiva julgar se o conteúdo narrado é verossímil, mas buscar conhecer dados sobre sua construção, seu sentido, sua motivação, e inferir o porquê aquela mensagem está sendo dita naquela hora para aquela pessoa.

O atleta desenvolverá a narrativa com frases ou até mesmo apenas palavras carregadas de sentido, muitas vezes sem fazer uso de conectores, pronomes e outros recursos linguísticos (assim como falado no item sobre linguagem desse trabalho), menos fonética e mais semântica. Sendo assim, se fará uso da microanálise para embrenharmos nos sentidos e nos porquês de cada palavra/frase digitada. Strauss e Corbin (2008) falam que a microanálise faz parte de um primeiro olhar sobre um texto ou imagem, buscando analisar linha por linha e sugerem que esse tipo de trabalho deva ser feito em frases carregadas de conteúdo, que em uma leitura “salte” aos olhos. Mas, sugerir-se-á no presente trabalho, desenvolver microanálise sobre o texto como um todo, dadas as características da escrita, carregada de informação em poucas palavras.

Será considerado o momento de troca entre pesquisador e pesquisado, sendo anotados expressões e sentimentos percebidos pelo pesquisador no diário de campo.

4.1 Objetivo

4.1.1 Objetivo Geral

Analisar a construção narrativa de um atleta paralímpico de bocha adaptada, sob seu ponto de vista, considerando o impacto do esporte na sua vida, através da análise narrativa de sua história de vida.

4.1.2 Objetivos Específicos

- a. Verificar os métodos de comunicação alternativa que atletas de bocha paralímpica não oralizados utilizam;
- b. Identificar indicativos de mudanças na vida cotidiana de pessoas que se tornam atletas de bocha paralímpica;
- c. Desenvolver um método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional.

4.2 Projeto piloto

Até chegar ao design atual de pesquisa, dois projetos de pesquisa pilotos foram desenvolvidos. A execução e discussão de ambos os projetos pilotos colaboraram para a melhor delimitação do objeto de estudo e da metodologia utilizada por fim.

4.2.1 ProjetoPiloto I

Seguirá nos próximos parágrafos a descrição do nosso primeiro estudo piloto em busca de conhecer a vida dos atletas de bocha paralímpica antes e depois do esporte. O objetivo de inserir essa pesquisa nesse ponto do trabalho é para demonstrar quais caminhos levaram o autor a se aprofundar na comunicação e sua importância.

No mês de abril de 2014 foi aplicada a 25 atletas de bocha paralímpica no Campeonato Sudeste de Bocha Paralímpica 2014, a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES), elaborada e validada pela Universidade de Brasília (ALBUQUERQUE & TROCÓLLI, 2004). Apoiados nas inúmeras definições que consideram o bem estar subjetivo como a forma pela qual as pessoas avaliam a própria vida e que tem como sinônimo a felicidade (FREIRE, 2001; SIQUEIRA & PADOVAM, 2008).

A EBES é constituída de 54 palavras referentes a afetos positivos e negativos, na qual o entrevistado deve responder uma escala de 1 a 5, sendo 1 nem um pouco e 5 extremamente. Na segunda parte da EBES, 15 frases afirmativas são feitas e o entrevistado deve responder também de 1 a 5, porém agora 1 significa discordo plenamente e 5 concordo plenamente. Os autores da EBES tiveram a intenção de criar, mesclando escalas consolidadas no exterior com novas perguntas construídas em grupos focais na Universidade de Brasília, uma escala de BES condizente com a realidade de nosso país. Após perceberem a dificuldade de alunos do ensino médio de escolas públicas para responder outras escalas (ALBUQUERQUE & TROCÓLLI, 2004).

Primeiramente consideramos interessante aplicar a EBES e, posteriormente, aplicar outras escalas e questionários para o desenvolvimento da dissertação de mestrado, sempre nos campeonatos de bocha paralímpica pela oportunidade de encontrar vários atletas de bocha paralímpica em um mesmo local, fato que acontece apenas nos grandes campeonatos, haja vista a peculiaridade do grupo estudado e, dessa forma, a dificuldade em manter vínculo com um número consistente. Nesta linha de raciocínio, a pesquisa encaminhava para uma abordagem quantitativa.

Além da supervisão da coordenadora do evento, Márcia da Silva Campeão, e da orientação da professora Valéria Marques, nosso grupo de pesquisadores foi composto por dois estudantes de Educação Física (UFRRJ), árbitros de bocha, que auxiliaram na aplicação da EBES, feita em dois dias.

Os primeiros equívocos foram aparecendo rapidamente. Tínhamos quarenta e oito atletas para entrevistar, mas os três aplicadores da EBES se queixaram pelo mesmo motivo: o tempo de aplicação da escala ultrapassava quase sempre trinta minutos do tempo previsto pelos seus idealizadores, impossibilitando a participação de todos, permitindo que entrevistássemos ao final dos dois dias, apenas vinte e cinco atletas, sem distinção de classe, sexo, vencedor ou perdedor de partidas. Observando que, embora o responsável pudesse autorizar, não houve participação de menores de dezoito anos.

Entre as dificuldades de aplicação levantadas estão: a falta de compreensão do significado dos afetos (mesmo sendo que todos os atletas tinham a formação a qual o teste é destinado: alunos do ensino médio); o estresse físico e psicológico, causado pelo final ou início de uma partida; a dificuldade de compreensão dos entrevistadores, no caso de atletas com distúrbios na fala; e as constantes interrupções e/ou deturpações por parte de auxiliares e responsáveis, em relação às respostas dos atletas.

Não apenas, mas principalmente, pela última variável estranha, os resultados desta pesquisa foram inconclusivos, considerando também a falta de fidedignidade das respostas e número reduzido de participantes.

Refletindo sobre possíveis alterações de local, tempo, número de entrevistadores

e adaptações às perguntas nas quais houve mais dificuldade de entendimento, poder-se-ia realizar nova aplicação com dados passíveis de análise, porém a falta de comunicação foi a questão mais emblemática para o estudo. Os participantes que não podiam responder por incapacidade motora fizeram uso de tradutor, geralmente um parente próximo. O problema maior foi que o tradutor, por ter uma relação íntima com o atleta (no cuidado que abrange alimentação, higienização dentre outros) assumiu um papel de intérprete, ou seja, usou de suas interpretações, fazendo modificações antes de passar a informação para o pesquisador, assim como o caso exemplificado a seguir.

Durante a aplicação, na leitura da afirmação de número cinquenta e nove (“Tenho mais momentos de tristeza do que de alegria na minha vida”) da EBES a um dos atletas BC3 que não oraliza, a resposta, através de piscadas, foi “quatro”, que significa “Concordo”. Ao que, no momento que a comunicação foi interpretada pelo pesquisador, a mãe e auxiliar de jogo do atleta, respondeu rispidamente “Pedro (nome fictício) como você fala uma coisa dessas? Você é super-feliz, diga para o moço que você não concorda com essa frase!”. O caso acima teve a vantagem de ter sido percebido, porém pelo menos três atletas da amostra foram completamente entrevistados por meio de um intérprete.

A partir desse momento passou-se a considerar que, caso a pesquisa se mantivesse com uma abrangência grande, a nível nacional ou mesmo estadual, teria-se de descartar o grupo de atletas desse grupo - incapazes de oralizar ou desenvolver uma comunicação com outras pessoas, senão àquelas com contato diário.

Ao invés disso decidiu-se trabalhar com os excluídos dentre os excluídos, isto é, justamente os atletas que não-oralizam, e para isso seria preciso outra abordagem metodológica, capaz de fazer com que os pesquisadores pudessem se embrenhar no campo, e buscar compreender a forma de linguagem utilizada. Entender como um gesto pode ter vários significados, como um ruído pode ser frases completas e cada olhar é único dentro de seu contexto. Para tanto, a única ferramenta capaz, sensível ao ponto de compreender esses mínimos e complexos nuances é o ser humano. Optou-se, portanto, pela análise narrativa, enfrentando todos os seus desafios junto a esta população.

4.2.2 ProjetoPiloto II

A escolha por mudar o método da pesquisa gerou a necessidade de um novo estudo piloto, para saber se a narrativa se mostraria mais eficaz considerando o objeto do presente estudo. Adotando uma progressão pedagógica, diminuimos a complexidade do estudo proposto para a dissertação, fazendo uma pesquisa com uma atleta de bocha paralímpica da classe BC2 (com comprometimento físico menor; capaz de se comunicar pela língua oral e até de caminhar com auxílio). Essa atleta tem 36 anos, mora próximo à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e tem muito mais independência e autonomia, graças a sua capacidade motora e financeira, do que o sujeito da dissertação. O objetivo desse segundo estudo piloto era o mesmo da presente dissertação: Comparar o impacto da inserção da bocha paralímpica na vida do atleta, sob seu ponto de vista, comparando o antes e o depois da inserção desta prática desportiva em seu cotidiano, através da análise narrativa de sua história de vida. Coletamos os dados através de uma gravação audiovisual de cerca de 30 minutos, onde a atleta narrou sua vida depois de o pesquisador iniciar com a frase “me conte sobre sua vida antes e depois da bocha adaptada”.

Dividiu-se a apresentação dos dados e sua análise em três etapas:

- a. Apresentação, falamos um pouco da atleta, do ambiente, da relação com o pesquisador e com o lugar;

- b. Leitura da Narrativa, apontamos os temas principais e os assuntos que mais chamaram a atenção do pesquisador;
- c. Diálogo com a Literatura, conversamos com alguns autores chaves para compreender a importância do conteúdo narrado, mas, principalmente, do porquê de se narrar.

Corroborando com os principais estudos na área atualmente, a atleta mostrou, através da narrativa, sua(s) identidade(s), tão importante(s) para se estar bem consigo mesma e para se fazer presente e atuante no mundo (DUTRA, 2002; MARQUES; SATRIANO, 2014; SILVA, 2010). Ela demonstrou querer e sentir o que frequentemente uma mulher da sua idade quer e sente na contemporaneidade moderna e, respondendo o objetivo desse segundo estudo piloto, o esporte paralímpico não foi o responsável pela autonomia e identidade da atleta, mas mostrou-se uma importante ponte para a socialização, diversão, competição e para o amor.

Por fim, considerou-se que a pesquisa narrativa pode ser um instrumento de coleta e análise de dados pertinente para pesquisa qualitativa de aprofundamento.

A forma de analisar os dados no resumo acima descrito destoou daquele que se apresentará nas próximas páginas pela diferença de comunicação, e estará nesse ponto o maior desafio do trabalho: conseguir captar a narrativa de uma pessoa que não fala oralmente e nem por LIBRAS, por isso que variados métodos de comunicação foram utilizados e espera-se que o constructo final se mostre útil para que outros pesquisadores avancem na abertura de comunicação, tão essencial para nos mantermos humanos.

Ambos os projetos pilotos colaboraram para o alcance do design atual de pesquisa.

4.3 Sujeito da pesquisa

4.3.1 Critérios de seleção do sujeito

O autor do estudo selecionou um participante que cumpria os seguintes pré-requisitos de exclusão/inclusão:

- Adulto entre 18 e 60 anos;
- Residente no Estado do Rio de Janeiro;
- Atleta de Bocha Paralímpica da classe BC3;
- Incapaz de oralizar por deficiência motora;
- Sem comprometimento intelectual;
- Com Paralisia Cerebral severa (comprometimento nos quatro membros, além da fala) (condição também de elegibilidade para a prática de bocha na categoria BC3);
- Disponibilidade e interesse para entrevista;
- De ambos os sexos.

4.3.2 Atleta Sujeito da Pesquisa (ASP)

Homem; 25 anos; 1,70m. de altura; 65 kg de massa corporal; cabelo e olhos castanhos e pele branca; ensino médio completo (superior incompleto); residente no bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro/RJ; mora com a mãe, professora do ensino fundamental da rede pública do estado do Rio de Janeiro (pessoa responsável pela higiene, alimentação, comunicação [com seu filho e como intérprete entre seu filho e outras pessoas]; transporte; e todas as outras atividades básicas), o pai morreu no primeiro semestre de 2015.

A paralisia cerebral nesse atleta é do tipo mista (espástica e atetóide)

desenvolvida de uma forma incomum: ele não utiliza grandes agrupamentos musculares, seu corpo permanece com poucos movimentos amplos, exceto pela movimentação da cabeça no lançamento da bola durante o jogo, mesmo assim com muita dificuldade, lentidão e insistência. Além da musculatura do pescoço, os músculos da mandíbula também se mantêm razoavelmente preservados, permitindo se alimentar com algum esforço; os músculos da face, responsáveis pelas expressões, como sorrir, podem ser acionados com bastante dificuldade; por fim a motricidade dos olhos está preservada quase que por completo, sendo muito utilizado para a comunicação (como, por exemplo: olhar para a esquerda e direita rapidamente significa não; olhar para frente e piscar uma vez significa sim). Pernas, braços e tronco não possuem movimento voluntário e quase nenhum involuntário, com exceção, pode-se perceber o tônus muscular elevado em ocasiões de tensão e concentração durante o jogo de bocha; o olhar tem algum traço atetóide em sua movimentação lenta, com perda de foco em algumas situações.

O atleta dedica boa parte de seu tempo treinando ou jogando bocha. Nos tempos livres, ele permanece em casa, em seu quarto, fazendo uso de um computador com teclado adaptado (com uma única tecla próxima da cabeça que ele consegue pressionar aduzindo-a levemente para a esquerda), essa é a principal forma de comunicação dele com as outras pessoas (através de sites de relacionamento), além da sua mãe e sem fazer uso dela como intérprete. Porém, mesmo dessa forma, seu círculo de amizade se mantém composto por família e pessoas envolvidas com bocha paralímpica.

4.4 Instrumentos

- Câmera filmadora GoProHero 03: vídeo com resolução 1920 x 1080 pixels e 23 quadros/s;
- Diário de campo;
- Computador com teclado adaptado;
- Fotos;
- Correio Eletrônico e Redes Sociais.

4.5 Procedimentos para coleta de dados

1. Submissão do projeto ao Comitê de Ética da UFRRJ;
2. Estabelecidos os critérios de seleção para o alcance dos objetivos da pesquisa, efetuou-se a seleção dos sujeitos pesquisados;
3. Obtenção do aceite na participação da pesquisa;
O entrevistador (ER) teve o seu primeiro contato com o ASP em 2011, em uma etapa do campeonato carioca de bocha paralímpica, nessa época o ER era árbitro da modalidade e o ASP era atleta. Sempre foi perceptível ao ER que o ASP possuía pouca independência (sem linguagem oral, tendo que se comunicar através de sua intérprete; dificuldade de conter a espasticidade devido a PC, o que não lhe permitia nenhum movimento voluntário do pescoço para baixo; tetraplegia; e a dependência de outra pessoa, no caso sua mãe, para qualquer atividade, como, por exemplo, limpar sua saliva quando esta escorria pelos cantos de sua boca), porém sua identidade, de acordo com o que diz Vieira e Henriques (2014) sobre significativamente estar situado naquele nicho psicossocial, dando à vida do ASP grau de propósito e unidade, sempre se fez presente durante o jogo, e, aparentemente, sua autonomia (em

jogo, com suas estratégias, táticas e reações emocionais positivas ou negativas) sempre foi a maior possível, considerando sua condição física e econômica. Inúmeras vezes o ASP teve acessos de fúria, fazendo o máximo de barulho e expressões possíveis, ao ser vítima de um erro da arbitragem ou de um rival que o prejudicou, consciente ou inconscientemente. E, mesmo considerando toda dificuldade de comunicação entre árbitro e atleta, ASP sempre fez o máximo para ser bem interpretado, seja diretamente ou através de sua mãe, que sempre foi sua auxiliar no manejo da “calha”.

Nos bastidores da competição ER e ASP tiveram alguns momentos de conversas informais, mas nunca uma amizade mais profunda, visto que a organização do evento não permitia esse tipo de comunicação, para não haver privilégios entre árbitros e atletas. Quando o ER e sua orientadora delinearam o projeto de pesquisa para a dissertação, ASP não foi a primeira opção, pois, inicialmente, o pesquisador (agora ER) tinha interesse em desenvolver uma pesquisa quantitativa baseada em escalas. Porém os atletas da classe BC3 com tetraplegia e incapazes de desenvolver a linguagem oral e/ou de sinais ficariam fora deste enquadramento. Sendo assim, optou-se por outro design de pesquisa, trabalhar-se-ia com aqueles que são geralmente excluídos dentro de um grupo historicamente excluído. Então, determinadas as características dos possíveis sujeitos aptos a participarem da pesquisa, o ER entrou em contato com três candidatos em potencial que atendiam o novo critério para sujeito de pesquisa, mas esse número se reduziu apenas a um quando apresentamos a proposta e vimos a dificuldade de acessarmos o seio familiar desse grupo específico. Principalmente pelo que pareceu ser uma “vergonha”, por parte da família, em demonstrar suas adaptações e peculiaridades para driblar as questões físicas e sociais que envolvem conviver com uma pessoa com deficiência física severa. Pela experiência do ER, as famílias mais abertas a permitir que um “estranho” fizesse parte do seu nicho social são aquelas que gozam de uma condição financeira mais estável, tendo menos “vergonhas” para “justificar”. Essa é mais uma barreira que deve ser problematizada com o intuito de superá-la, para que se possa acessar todo tipo de família, trocando experiências positivas que possam melhorar não apenas a vida da pessoa com deficiência e sua família, mas toda sociedade. O ASP não foge a essa regra, o sujeito faz parte da classe média, morador da segunda maior metrópole do Brasil. Chegou a entrar no ensino superior, mas desistiu pela logística, e sua mãe é professora, o que aponta um grau de instrução acadêmica superior àquela encontrada na maioria das famílias brasileiras.

Através dos principais campeonatos e treinos o autor conheceu um universo de três atletas elegíveis em todos os requisitos acima e para a região circunscrita (estado do Rio de Janeiro). Um desses atletas cursava o ensino superior em administração e não tinha disponibilidade para participar, a segunda atleta sofreu restrições familiares (mãe discordou do uso de gravação áudio visual). Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida com apenas um atleta (ASP) que, junto à sua família, concordou com os termos da pesquisa, além dos requisitos de exclusão e inclusão.

O pesquisador (ER) compareceu ao CERVIM (um centro especializado na reabilitação, treino, recreação e lazer através da bocha adaptada, da equoterapia e fisioterapia), onde alguns possíveis sujeitos para a presente pesquisa treinavam. A organização deu total apoio para que a pesquisa fosse desenvolvida, mas, conversando com os atletas, o pesquisador soube que

muitos não estavam mais utilizando as instalações do CERVIM para treinar pela distância de suas casas até o mesmo. Um grupo de atletas que moravam na região da Barra da Tijuca, Vargem Grande e Jacarepaguá (bairros da cidade do Rio de Janeiro) estava treinando na casa de um atleta cujo pai construía uma quadra coberta em sua residência, com todo material de treino necessário, além de vários instrumentos de treino criados por ele. O pesquisador fez uma visita a esse local, tendo a aceitação do sujeito (ASP) para participar da pesquisa.

Após o ER fazer a leitura do termo de livre esclarecimento aprovado pelo Comitê de Ética da UFRRJ, perguntou para o ASP se ele concordava em participar da pesquisa e o mesmo piscou os olhos uma vez pausadamente e movimentou para baixo e para cima a cabeça sutilmente, em sinal de “sim”. A mãe então assinou o termo.

4. Coleta de dados através de quatro propostas:
 - a. Entrevista livre – buscando conhecer e explorando os canais de comunicação espontâneos de cada sujeito de pesquisa, valorizando as expressões e todo clima de interação social vivenciado. Esta etapa foi desenvolvida através de 2 visitas à casa do sujeito pesquisado, em intervalos que garantissem a sua produção de dados. Esta etapa transcorreu em 2 meses;
 - b. Escolha de fotografias para montar uma linha do tempo de história de vida;
 - c. Análise da linha do tempo de rede social (*Facebook*);
 - d. Comunicação textual escrita no computador com teclado adaptado para o sujeito (via correio eletrônico);
5. Análise dos dados

4.6 Crivo de análise do resultado

Abaixo será apresentado o crivo de análise de narrativa dos dados utilizado:

Tópico	Autores e conceitos base	Pontos de análise	Exemplo
Métodos de comunicação alternativa que atletas de bocha paralímpica não oralizados utilizam.	(NUNES, NUNES, 2005); (PAURA, MANZINI, DELIBERATO, 2002); (TAVARES, 2005); (VYGOSTKY, 1991).	Verificar os métodos de comunicação utilizados espontaneamente pelo atleta	- presencial: expressão corporal, gestos, tonicidade, com ajuda do interlocutor (mãe) e escrita com computador adaptado; - a distância: uso de rede social (<i>Facebook</i>) e email.
Indicativos de mudanças na vida cotidiana de pessoas que se tornam atletas	(CAMPEÃO, 2011, 2002; CESA, 2010; JOSSO, 2007; MAIA, 2010).	Identificar indicativos de mudança através da comparação antes e	- relatos de antes e depois da prática da bocha paralímpica

de bocha paralímpica		depois da prática da bocha paralímpica	- fotos de antes e depois da prática da bocha paralímpica
método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional	(BRUNER, 1997); (DUTRA, 2002); (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2002); (MARQUES, SATRIANO, 2014); (SILVA, 2010); (VIERA, HENRIQUES, 2014).	Desenvolver um método de análise narrativa que se aplique a pessoas que não oralizam	- valorização de produção textual não oralizada, tais como: linguagem não verbal, gestos, escrita, desenho, escolha de objetos como canal de comunicação, produção plástica, interação com o ambiente, avaliação de tempo de reação, diferenciação de tonicidade, motivação de manter um tema de conversa ou de narrativa.

4.7 Resultado

Nesta seção será apresentado o resultado do material coletado referente à investigação do impacto da bocha paralímpica na vida do atleta paralímpico. A classificação baseou-se nos objetivos específicos da pesquisa, logo, foram formados três subitens. No primeiro subitem, “Método de comunicação utilizado pelo atleta”, são listadas as formas de comunicação observadas no uso espontâneo, e na interação entre pesquisador e pesquisado durante a pesquisa. No segundo subitem, “Indicativos de mudança: antes e depois da prática da bocha paralímpica”, são apresentados os dados que apontam para este aspecto. No terceiro tópico, “Método de análise narrativa desenvolvido para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional”, são apresentados resumidamente as características do método de coleta e análise narrativa utilizada, desafio maior desta pesquisa.

4.7.1 Método de comunicação utilizado pelo atleta

Tipo	Comportamentos observados	Exemplo
Comunicação corporal	Expressão corporal intencional e/ou tônicos expressivos de emoções	resposta de sim/não com olhos e cabeça. Relaxamento ao retratar todos os temas abordados.
Comunicação escrita no	Expressão corporal	Exemplo: “QUEM

computador	Digitação lenta seguida de ansiedade e agitação, resultando em escrita com ortografia errada.	LEVOU PARA LA FOI MÃE. VIU JORNAL”
Comunicação no Facebook	Principalmente através de fotos, sobre a bocha adaptada, família, Vasco, religião e amigos.	Fotos do atleta nos campeonatos, da Nossa Senhora, reuniões com a família e amigos, fotos com o brasão do Vasco e do próprio ASP vestido com a camisa do Vasco.
Comunicação por correio eletrônico	Preferência pelo uso do e-mail eletrônico para comunicação.	Respostas curtas como “NÃO” e “SAUDADES”
Comunicação através da mãe	Quando o atleta não respondia “satisfatoriamente”.	A mãe: “vamos xxxx!”; “você não se lembra”...

4.7.2 Indicativos de mudança na vida cotidiana do atleta

Mesmo com a pergunta explícita sobre este aspecto, o atleta não forneceu dados sustentáveis neste aspecto. As fotos (com exceção de uma que apresentava o atleta ainda bebê – figura 26) não discriminavam o antes e depois da prática da bocha. As fotos indicam uma vivência social familiar e cultural ativa. Embora não seja possível afirmar categoricamente sem discriminar o impacto da prática desportiva, pode-se inferir sua inserção positiva na vida do atleta, visto a quantidade de pessoas adicionadas e participantes na sua rede social encontrada no *Facebook* do atleta.

4.7.3 Método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional

Neste tópico, são apresentados exemplos nos quais foram aplicados os fundamentos da análise narrativa utilizados. Neste caso, para que os dados resultantes da coleta realizada durante a pesquisa ganhem sentido, por vezes o tempo “presente” é ultrapassado e são apontados aspectos do passado ou expectativas futuras que possivelmente interferiram na interação pesquisador-sujeito pesquisado.

De forma geral foi percebido durante as entrevistas e após a coleta dos dados que a construção narrativa de ASP não seguiu uma ordem cronológica, pelo contrário, durante as entrevistas pudemos perceber que além de começar a discorrer sobre temas atuais o ASP parece ter retido poucas lembranças de sua infância e adolescência, necessitando da ajuda da mãe para “puxar pela memória” fatos acontecidos há muitos anos. ASP dá à narrativa sua própria sequencialidade, montando sua história de forma singular. A interação de ASP com o ER se deu sem maiores dificuldade, além das já descritas como consequência de suas limitações físicas. O Atleta pareceu estar descontraído e concentrado em todos os momentos da entrevista, sem demonstrar tensões.

Para apontar alguns fatores subjetivos do pesquisador intervenientes à pesquisa, é preciso descrever as impressões registradas no diário de campo. Iniciaremos pela descrição da primeira visita à casa do sujeito pesquisado. Ao chegar à casa do ASP o

ER e outra pesquisadora colaboradora (na ocasião outra mestrande, que também foi árbitra de bocha e já tinha contato com o sujeito e familiares, compareceu para gravar a visita) foram muito bem acolhidos pela família, composta pelo ASP, sua mãe e avó. Logo lhes foi oferecido café e lanche pela avó. O ASP estava no quarto da mãe, onde fica o computador e rádio, os dois instrumentos mais usados pelo ASP para conversa, diversão e informação. Este fato causou estranheza e curiosidade no entrevistador, que fatores poderiam estar intervindo para esta escolha? Qual poderiam ser as consequências desta escolha?

Este fato chamou a curiosidade do ER pelo fato do ASP ser um adulto em plena maturidade e sem nenhum tipo de deficiência intelectual e/ou transtorno do desenvolvimento. Então, o fato das principais atividades cotidianas de ASP estarem no quarto da mãe levou a duas conjecturas iniciais: 1. a mãe do ASP modificou a organização da casa para facilitar o cuidado com o filho, já que é ela quem faz sua higiene, alimentação, coloca-o na frente do computador ou onde mais ele for; 2. e/ou essa organização é um reflexo da superproteção ingênua da mãe, desenvolvida ao longo dos anos, pela proximidade que se manteve com o filho mesmo depois da fase adulta.

A concordância de participar da pesquisa foi expressa por gestos, embora o pesquisador de certa forma já estivesse acostumado com esta possibilidade, foi um primeiro marca da autonomia do sujeito pesquisado, ele próprio decidindo um aspecto de sua vida, e sua mãe como parceira, apenas concretizando sua vontade própria. Havia uma ansiedade inicial do pesquisador, de como isto se transcorreria, e como as outras etapas iriam ocorrer, visto que em alguns momentos não se teria a mediação da mãe.

O ER explicou ao ASP como seria a pesquisa (ASP narrar sua vida antes e depois da bocha, enfatizando que a narrativa deveria ter como único autor o ASP). Mas, desde o início a mãe, acostumada a falar pelo filho, se manteve presente, dificultando a conversa diretamente com o ASP. Então, logo propõe-se a abordagem por fotos, com o intuito de ter respostas diretamente do ASP. Após breve explicação, o ASP fez sinal para a mãe que gostaria de escrever, então ela o colocou na cadeira própria, com um teclado de uma única tecla fixo no encosto lateral esquerdo para a cabeça, e posicionou-o em frente ao computador. ASP clicou uma vez para fazer uso do mouse adaptado, o programa SKM começou a correr todas as opções na área de trabalho, quando chegou ao teclado digital ASP apertou novamente com um movimento lateral curto e rápido, o botão. Uma tela com teclado apareceu e o programa SKM começou a destacar luminosamente todas as letras, símbolos e números. Quando destacava a próxima letra que ASP necessitava para escrever sua palavra e, assim, compor sua frase, ele clicava novamente o botão. Esse processo se mostrou extremamente lento (uma frase de três palavras foi escrita, por exemplo, em cerca de quinze minutos), para os padrões comuns de comunicação oral e/ou de escrita por meio de teclado convencional. Além disso, tudo se tornava ainda mais lento ao ser combinado com a escolha das fotos. Todo esse desencadeamento de fatos se expressava negativamente no ambiente como um todo: ER e a auxiliar de câmera, mãe e avó, mesmo mantendo uma postura de interesse e incentivo, depois de um tempo começaram a ficar superativos demonstrando ansiedade. A avó começou a fazer pequenas tarefas de casa, voltando algumas vezes para ver se já havia um resultado final; a mãe, usando da sua autoridade daquele círculo familiar, tentou acelerar o processo dizendo “vamos, responde ao moço”, “você entendeu o que ele perguntou?”, “você escreveu errado!” etc. Toda essa inquietude foi transmitida e, mesmo sem ninguém explicitar abertamente ao ASP, ele começou a tentar escrever mais rápido, diminuiu o tempo de pausa entre um pensamento e a continuação da escrita e tudo isso se refletiu nos erros de escrita e na aparência de nervosismo que o ASP assumiu ao longo dos minutos. Portanto, o ER sugeriu que o entrevistado terminasse

suas escolhas com calma, em um horário que não tivesse ninguém em seu encaixe, para que na próxima visita ele pudesse apresentar suas escolhas com mais calma a seus “espectadores” menos ansiosos.

Esta vivência ensinou ao pesquisador a busca de alternativas de interação comunicacional que não despertasse alto nível de ansiedade nos interlocutores. A entrevista presencial utilizou comandas, que poderiam ter respostas simples e diretas. Em alguns casos, utilizou-se a técnica de repetir a resposta como ela foi compreendida para verificar junto ao sujeito pesquisado se o sentido captado correspondia ao que se pretendeu informar.

Foi importante para o pesquisador reconhecer os indicadores de independência e autonomia (quando um descontentamento era em relação ao conteúdo da pergunta ou a dificuldade de escrever a resposta, por exemplo) para construir uma interação comunicacional respeitosa.

A seguir serão apresentados os dados resultantes ao estudo junto às pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional sobre os métodos de coleta de dados e sua possível análise. Foram utilizados 4 (quatro) formas de coleta de dados: i) Narrativa abstraída pelo contato presencial, ii) Narrativa abstraída por Seleção Fotográfica, iii) Narrativa abstraída por meio digital e iv) Narrativa abstraída através de conversa por e-mail.

4.7.3.1 Narrativa abstraída pelo contato presencial

Os dados coletados nas visitas presenciais foram basicamente referente às fotos, que nas próximas páginas serão analisadas. Mas, será falado aqui sobre contato com o atleta e sua família e não propriamente com o conteúdo apresentado por ele. Os principais temas abordados pelo ASP foram: bocha adaptada, família, religião, futebol, rádio. Todavia, a ordem da apresentação desses parece ter sofrido influência direta da mãe do pesquisador. Como falado anteriormente, a presença do pesquisador, conhecido do atleta como árbitro fizeram o atleta rapidamente associar a visita do autor com algo relacionado a bocha paralímpica. Porém, a mãe teve papel crucial ao “dar um empurrãozinho” toda vez que o filho parecia pensativo, sem saber o que dizer, ou quando apresentava uma resposta negativa. O principal exemplo disso foi quando o ER pediu para ele relatar sua vida antes da bocha, o atleta pensou um pouco e respondeu “NÃO”, digitando no computador. A mãe se revoltou e disse “não o quê XXXX, fala como era antes, antes da gente morar aqui, onde é que morávamos, quem morava com a gente?”.

4.7.3.2 Narrativa abstraída por Seleção Fotográfica

Dada a característica e a relevância do sentido captado nas fotografias, abaixo apresentamos uma tabela que apresenta as 13 fotos escolhidas pelo sujeito pesquisado para responder a comanda sobre a linha de tempo de vida, com destaque para antes e depois da bocha, entregues ao pesquisador na segunda entrevista. Curioso perceber que dentre as fotos, há apenas uma foto (figura 11), a primeira, que faz menção a bocha paralímpica, mas representando a equipe e não uma foto dele próprio jogando. Diante da variedade das fotos, podemos supor que elas existam, mas que não foram intencionalmente escolhidas. Todas as outras fotos aparentemente demonstram aspectos importantes da vida do entrevistado, por exemplo: família nuclear (figura 14, figura 15), família extensa (outros parentes e amigos – figura 13, figura 17, figura 18), religião

(igreja e eventos – figura 19), cultura (exposição – figura 16, figura 21, evento e figura 23s – figura 22, restaurante – figura 15), saúde (equoterapia – figura 20) e esporte (time de futebol – figura 12).

Título da foto	Característica
1 “BOCHA BOM MINHA VIVA” (figura 11)	Equipe de profissionais/estudantes da bocha paralímpica



Figura 11 Escolha I do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
2 “O VASCO MEU TIME” (figura 12)	Sujeito pesquisado junto ao ex jogador Roberto Dinamite no campo de futebol do clube Vasco da Gama



Figura 12 Escolha II do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
3 “MUITO AMIGO EU XXXX” (figura 13)	Sujeito pesquisado com um amigo em um restaurante, ambos rindo



Figura 13 Escolha III do Sujeito
Fonte Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
4 “EU MEU PAI SAUDADES” (figura 14)	Sujeito pesquisado e seu pai dentro de um carro, um olhando diretamente para o outro com sinal facial expressando satisfação

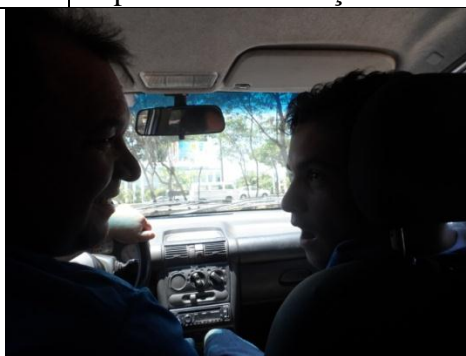


Figura 14 Escolha IV do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
5 EU GOSTO DO CANTINHO DE MINAS (figura 15)	Sujeito entrevistado e sua mãe, sentados em um restaurante olhando para câmera fotográfica, ambos sorrindo



Figura 15 Escolha V do Sujeito.
Fonte: Acervo Pessoal do entrevistado

Título da foto	Característica
6 “MUSEU SHOW” (figura 16)	Escultura de um homem e uma mulher, idosos, em traje de praia



Figura 16 Escolha VI do Sujeito.
Fonte: Acervo Pessoal do entrevistado

Título da foto	Característica
7 “PADRINHO OS PRIMOS XXXX E XXXX MUITO BOM” (figura 17)	No centro quatro pessoas, um casal de nubentes, o sujeito entrevistado de terno e sua mãe com roupa de festa, todos sorrindo

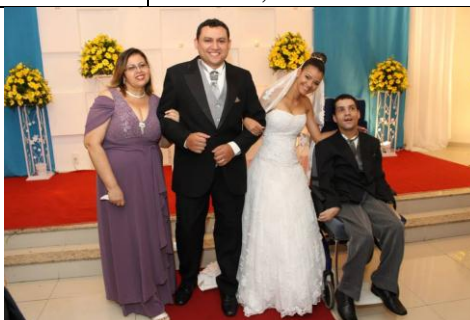


Figura 17 Escolha VII do Sujeito
Fonte: Acervo do Entrevistado

Título da foto	Característica
8 “PADRINHO OS PRIMOS XXXX E XXXX MUITO BOM” (figura 18)	O sujeito entrevistado como padrinho de casamento entrando na igreja acompanhando uma madrinha



Figura 18 Escolha VIII do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
9 “DEUS” (figura 19)	O sujeito entrevistado na Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida (SP)

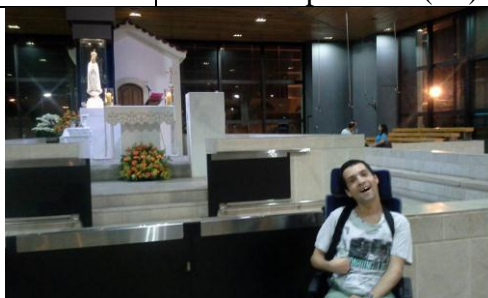


Figura 19 Escolha IX do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistador

Título da foto	Característica
10 “EQUOTERAPIA POLÍCIA GOSTO DELES” (figura 20)	Sujeito entrevistado como praticante da equoterapia, em cima do cavalo sendo acompanhado por 5 profissionais



Figura 20 Escolha X do Sujeito
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
11 “MEU AMIGO DESEMPRE	O sujeito entrevistado junto ao Ziraldo em uma

ZIRALDO” (figura 21)	mesa, ambos olhando para a câmera fotográfica. O ambiente no entorno está cheio de outras pessoas.
----------------------	--



Figura 21 Escolha XI do Sujeito
Fonte Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
12 “FORMATURA DIA FELIZ” (figura 22)	O sujeito entrevistado com beca de formatura, junto a outro formando e duas pessoas os abraçando, tendo um fundo com outros formandos e pessoas



Figura 22 Escolha XII do Sujeito.
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Título da foto	Característica
13“FORMATURA DIA FELIZ” (figura 23)	Auditório cheio de formandos vestidos com beca e outras pessoas no mesmo recinto.



Figura 23 Escolha XIII do Sujeito.
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

4.7.3.3 Narrativa Abstraída por Meio Digital

O segundo método adotado para conhecer a história do ASP foi a análise da rede social utilizada pelo mesmo, o *Facebook*. O ASP raramente escreve algum comentário e, mesmo quando o fez, foi para intitular uma imagem. Então, a forma possível de analisar sua linha do tempo foi através das fotos. Se praticando o esporte ele é sério, comprometido e, às vezes, até nervoso, nas redes sociais ASP esbanja alegria!

O atleta tem, até o presente momento, 365 amigos, dos quais a grande maioria se divide entre família e pessoas relacionadas a bocha adaptada (atletas, treinadores, árbitros, equipe técnica). A influência do esporte na vida do ASP fica evidente nas últimas amizades adicionadas ao *Facebook*, nos últimos dois anos foram feitos 66 novos amigos, dos quais 35 são pessoas relacionadas a bocha adaptada, isso considerando aquelas que o ER conhece.

Porém, o que mais impressiona não é o número de amigos e sim a quantidade de fotos que o ASP faz parte (mais de 400!) e as que ele mesmo publicou no seu perfil (mais de 1600!). Além dessas, existe um número enorme de imagens que ele compartilhou de outros sites e/ou perfis e que fazem parte de álbuns com mais imagens, um número que ultrapassa facilmente 4.000 imagens! Abaixo está o número e sobre o que se refere apenas das fotos que estão no perfil do sujeito, sem contar compartilhamentos:

Fotos do Sujeito – Perfil Facebook	
Número de Fotos/Imagens	Assunto
740	Bocha Paralímpica
587	Família
246	Amigos
64	Futebol

Nas fotos publicadas pelo ASP ou nas que ele foi mencionado, o assunto que mais se destaca é a bocha paralímpica. Enquanto o seu time tem quase exclusividade nas imagens publicadas, as fotos da família em datas comemorativas e assuntos variados possuem, respectivamente, um segundo e terceiro lugar de respeito em número e qualidade de fotos. Entre as fotos variadas os assuntos giram em torno de religião, viagens, rádio, exposições e cinema.

Deixando os números de lado, algumas fotos foram selecionadas pelo pesquisador e extraídas do perfil do atleta com o consentimento do ASP expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As fotos foram escolhidas pelo maior número de comentários, por expressar para o ER da melhor forma um dos principais assuntos e por facilitar a construção narrativa desenvolvida nas fases anteriores.

Fotos do Sujeito – Perfil Facebook	
Número de Comentário	Tema
31	Figura 24 ASP no último campeonato de Bocha Paralímpica junto a outros atletas
24	Figura 25 ASP jogando

22	Figura 26 ASP criança
19	Figura 27 ASP e amigo com uniforme da Bocha Paralímpica
15	Figura 28 ASP e mãe
14	Figura 29 ASP no campo do Clube do Vasco da Gama
10	Figura 30 Nossa Senhora Aparecida
12	Figura 31 ASP e família
8	Figura 32 Jesus
8	Figura 33 ASP, mãe, prima e Zivaldo

Abaixo são apresentadas as fotos (figura 24 à 33).

Descrição da foto Figura 24	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP no último campeonato de Bocha Paralímpica junto a outros atletas	31	Como é uma foto compartilhada, que apresenta vários atletas e comissão técnica da bocha paralímpica tem vários comentários sobre o campeonato e sobre o futuro, nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro que acontecem este ano.



Figura 24 ASP no último campeonato de bocha paralímpica.
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto Figura 25	Quant comentário	Tipo de comentário
Sujeito pesquisado jogando Bocha paralímpica, tendo sua mãe como auxiliar	24	Incentivo para competir; exaltando sua competência como jogador.



Figura 25 ASP jogando
Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado

Descrição da foto Figura 26	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP criança	22	Amigos e familiares dizendo que o sujeito estava lindo, que parecia um anjo e outros comentários do tipo.



Figura 26 ASP Criança.
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto	Quant	Tipo de comentário
--------------------------	--------------	---------------------------

Figura 27	comentário	
ASP e amigo com uniforme da Bocha Paraplímpica	19	Comentários sobre o campeonato referente aquela foto; família desejando sucesso.



Figura 27 ASP e amigo com uniforme da Bocha Paraplímpica.
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto Figura 28	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP e sua mãe	15	Amigos e familiares brincando sobre o sujeito comer muito, alguns dizendo que estão lindos.



Figura 28 ASP e Mãe.
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto Figura 29	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP no campo do Clube Vasco da Gama	14	Incentivo o sujeito como torcedor e piadas sobre a escolha de clube de futebol



**Figura 29 ASP no Campo do Clube do Vasco da Gama.
Fonte: Acervo Público no Facebook**

Descrição da foto Figura 30	Quant comentário	Tipo de comentário
Nossa Senhora Aparecida	10	Pessoas exaltando a santa



**Figura 30 Nossa Senhora Aparecida.
Fonte: Acervo Público no Facebook**

Descrição da foto Figura 31	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP e sua família	12	Amigos e outros familiares dizendo que todos estão lindos, enviando beijos e dizendo que estão com saúde.



Figura 31 ASP e Família.
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto Figura 32	Quant comentário	Tipo de comentário
Gravura de Jesus	8	Mensagens incentivando a fé do sujeitos.

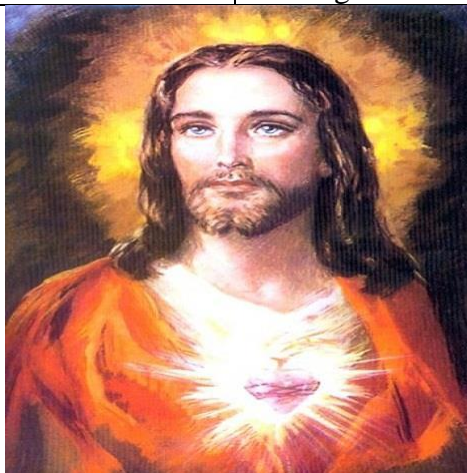


Figura 32 Jesus
Fonte: Acervo Público no Facebook

Descrição da foto Figura 33	Quant comentário	Tipo de comentário
ASP, mãe, prima e Ziraldo	8	Pessoas fazendo brincadeiras sobre a popularidade do sujeito.



Figura 33 ASP, Mãe, Prima e Ziraldo.
Fonte:AcervoPúblico no Facebook

As fotos apresentadas, referenciadas na tabela acima, foram retiradas pelo autor da página digital do sujeito, na rede social *Facebook*, com prévia autorização do mesmo. Ainda é importante salientar que o perfil mencionado é público, assim como todo o conteúdo disponibilizado.

4.7.3.4 Narrativa Abstraída Através de Conversa por e-mail

O último método de coleta de dados proposto nesse estudo serviu como uma retroalimentação não explícita. Com os dados colhidos na visita através do vídeo, anotações, conhecimento prévio e opinião do ER; somados as imagens/fotos no *Facebook* do ASP, o pesquisador pôde desenvolver algumas conjecturas, essas foram expostas através de correio eletrônico (e-mail) para que o ASP pudesse responder calmamente em casa, de preferência sem a presença de outra pessoa para que não houvesse influência na sua construção das respostas.

As perguntas com suas respectivas respostas estão transcritas abaixo, a cada resposta o pesquisador fez um comentário:

1ª pergunta: Você já sonhou em ser atleta de outro esporte, além da bocha adaptada? Caso a resposta seja sim, conte um pouco sobre esse desejo?	Resposta NÃO
Observação do pesquisador: ER acreditou que assistir apenas futebol e mais nada na televisão poderia representar um sonho de ser um jogador, mas pela resposta incisiva do ASP, é bem possível que seu gosto pelo esporte seja algo que ele apenas assimilou culturalmente, sem vínculo com a deficiência.	

<p>2ª pergunta</p> <p>Você disse que prefere ouvir rádio do que ver televisão. Quais são seus assuntos preferidos nas rádios?</p>	<p>Resposta</p> <p><i>NOTIAS, MUSICAS, PROGRAMAS ZICO E JUNINHO, PADERMARCELO ROSSI</i></p>
<p>Observação do pesquisador:</p> <p>uma possibilidade pela preferência do rádio ao invés da televisão e, às vezes, até mesmo do que pela internet, poderia ocorrer pela possibilidade de se criar seus próprios personagens, pois quem se apresenta na rádio mostra apenas sua voz, permitindo que o interlocutor fantasie sua aparência, seus gestos. Talvez as pessoas com deficiência tenham interesse por esse compartilhamento mais romântico. Sobre a resposta do ASP, essa não elucida a sugestão do pesquisador, mas explicita com conteúdo é de seu agrado: notícias e músicas não são especificadas, mas os outros dois assuntos estão dentro daqueles destacados anteriormente como preferência do ASP, o Programa Zico e Juninho tem temática futebolística, sendo apresentado pelos ex-jogadores Zico e Juninho Pernambucano; o segundo programa é de temática religiosa, apresentado pelo Padre Marcelo Rossi.</p>	

<p>3ª pergunta</p> <p>Uma das fotos que você me enviou estava escrito a palavra DEUS embaixo. O que você mais pede para ELE? Qual é o maior desejo que você acredita que DEUS possa realizar?</p>	<p>Resposta</p> <p><i>FE, PROTEGER, AS PESSOAS E O MUNDO.</i></p>
<p>Observação do pesquisador:</p> <p>essa pergunta faz referência direta à dúvida do pesquisador quanto ao motivo da devoção religiosa que o ASP apresenta. Anteriormente, o ER havia indagado se essa devoção não era um apego ao fantástico com o objetivo de um possível “cura” para a deficiência do atleta. Mas, logo que se vê a resposta do ASP, percebe-se que o pesquisador apenas estava usando de seus pré-conceitos e que, aparentemente, o ASP está bem consigo mesmo. Seus desejos são apenas de manutenção da sua fé e da proteção.</p>	

<p>4ª pergunta</p> <p>Faça uma lista com 5 palavras que você acredite que representam sua vida, as coisas mais importantes para você.</p>	<p>Resposta</p> <p><i>1:MAE</i></p> <p><i>2:FAMILIA</i></p> <p><i>3:AMIGOS</i></p> <p><i>4:DEUS</i></p> <p><i>5:FE</i></p>
<p>Observação do pesquisador:</p> <p>embora seus parentes, amigos e a religião fossem fortes candidatos para aparecer nessa lista, olhando para as fotos que narram parte de sua história, principalmente aquelas contidas na rede social, o ER acreditou que haveria outras palavras-chave, como alegria e esporte.</p>	

5ª pergunta Quando você conheceu a bocha adaptada? Conte como foi?	Resposta <i>SARAH, FOI MUITO BOM. QUEM LEVOU PARA LA FOI MÃE. VIU JORNAL</i>
--	---

Observação do pesquisador:

o sujeito faz menção a Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, no Rio de Janeiro existe uma unidade no bairro da Barra da Tijuca, relativamente próximo de onde mora o atleta. Ele conheceu o esporte nessa instituição, mas como o Hospital “Sarah” não busca alto rendimento, com avanço técnico e, principalmente, tático, teve que sair desse centro e procurar outro local de treinamento.

6ª pergunta O que mudou na sua vida depois que começou a praticar a bocha adaptada?	Resposta <i>VIAJAR MAIS, CONHECE NOVOS AMIGOS COMPETIR</i>
--	---

Observação do pesquisador:

outra vez uma surpresa na resposta do ASP. Sua seriedade competindo, sua afirmação como atleta profissional são só mencionados na última palavra da frase, “competir”. Ou seja, o esporte para o ASP é primeiro um promotor de qualidade de vida, de socialização, de lazer, e em segundo lugar é o esporte em si.

7ª pergunta Uma das fotos é você com seu pai. Fale um pouco sobre ele.	Resposta <i>ERA TUDOEM MIMNHA VIDA.HOJE MUITA SAUDADES</i>
---	---

Observação do pesquisador:

o pesquisador, no segundo estudo piloto apresentado aqui, vivenciou algo parecido, na referida pesquisa a mãe da atleta havia morrido. As formas que esses dois atletas trabalham em suas mentes essa questão tão delicada é completamente diferente, no caso do estudo piloto a atleta se esquivou do assunto, enquanto o atleta da presente pesquisa não tem problemas em falar do seu pai, mostra tristeza ao fazer isso, mas expõe tranquilamente.

5 COMUNICAÇÃO: PARA ALÉM DA ORALIDADE

Aventurar-me a revisitar um campo previamente conhecido, Bocha paralímpica e seus atletas, e descobrir novos panoramas e a riqueza de vida do atleta paralímpico foi uma aventura. Até mesmo os obstáculos e desventuras encontradas serviram como desafio e itens propulsores para novos caminhos com criatividade e criticidade.

Tendo em vista a valorização da narrativa do atleta, alguns desafios foram coletar e interpretar a narrativa do atleta por meios não orais garantindo sua autenticidade e autonomia. A ansiedade provocada pela forma e pelo ritmo utilizado pelo atleta provocava no entrevistador um mergulho interior para aprender a administrar esta nova situação. Ao longo deste capítulo, tendo em vista o alcance dos objetivos traçados, iremos dialogar com a literatura pesquisada os dados encontrados.

Iniciar-se-á a verificação dos objetivos específicos buscados nesse trabalho, com aquele básico para alcançar todos os demais: verificar os métodos de comunicação que o sujeito da pesquisa utiliza.

5.1 Métodos de comunicação alternativa observados no contato com o atleta paralímpico

A articulação entre pensamento e linguagem (VYGOTSKY, 1991) foi observada, tanto nos seus aspectos cognitivos quanto afetivos. Embora não tenha sido feita nenhuma avaliação cognitiva para determinar o nível de desenvolvimento cognitivo do atleta, visto que fugia ao objetivo da pesquisa, suas respostas mostraram-se coerente em todos os aspectos. A bocha é um jogo de estratégia, portanto, que usa a lógica. Contrapondo ao argumento de Polonio e Silva (2013) de que a dificuldade na comunicação das pessoas com paralisia cerebral pode prejudicar o desenvolvimento intelectual, social e afetivo, ressaltamos que prejudicar não é impedir, mas apenas obstacularizar. Neste sentido, a responsabilidade dos profissionais da área aumenta significativamente, visto que precisam conhecer como ocorre o processo de desenvolvimento e colaborar significativamente para seu transcurso positivo.

O componente afetivo e social de seu pensamento presente na narrativa apresentou-se articulado, foram observados temas de interesse atuais, tais como família, cultura, esporte e religião. A sua construção narrativa aponta para inserção social, indicando reestruturação fluida entre seu discurso interno e externo. Ele representa seu presente (prática da bocha – figura 11) e seu passado (saudade de seu pai – figura 14) com destreza.

Seu processo de pensar desvelado na narrativa aponta para a atenção à interação vivida, tanto social quanto ambiental. Sem comprometer sua produção narrativa, em algumas ocasiões ele aparentava “se desligar”, fixar o olhar no vazio, não sabemos se seu pensamento o levou a algum tema despertado pela pergunta, ou se ele teve um episódio de ausência. O comportamento de ausência pode ser desencadeado por diferentes origens, desde as biológicas até as emocionais. Em outros momentos, nos pareceu demonstrar nas suas pausas e olhares enquanto narrava dois comportamentos divergentes: a) quando concordava em acrescentar algo sugerido pela mãe por ter esquecido e considerar que a informação deveria ser inserida, e b) quando acatava a mudança proposta pela mãe mesmo sem concordar, talvez por ser mais fácil, menos custoso, ou talvez pelo tema for de pouca importância. Este aspecto não foi esclarecido, não temos certeza da veracidade desta especulação ou mesmo se for correta, da

consciência do atleta neste processo. Fica a reflexão, como afirma Vygostky (1991) investigar o processo de fluir o pensamento até se tornar palavras, percorre vários planos e fases. No caso do atleta, supomos que o mesmo tenha um pensamento rico, mas a formação do discurso em palavras para se tornar uma narrativa implica em um trabalho grande, visto sua dificuldade ele precisa escolher palavras emblemáticas que resumam a ideia que deseja transmitir. Mesmo quando utiliza a comunicação verbal através da escrita no computador, esta ação exige muito esforço e dedicação, a melhor solução é a economia de palavras. Para situações do cotidiano, esta opção resolve várias escolhas com três opções: sim, não e talvez, gosto, não gosto e mais ou menos, quero ou não quero e agora não. Entretanto, este canal de expressão não acompanha o ritmo de seu pensar, e seus planos de construção narrativos precisam suplantar suas dificuldades de expressão motora. Sua estruturação narrativa aponta para o trabalho semântico de construção do pensamento (VYGOSTKY, 1991).

Não obstante não possamos avaliar o quanto a participação na escola influenciou sua vida e seu processo de pensar, baseados em Vygostky (1991) e Luria (1990), inferimos que a educação formal pode aumentar o nível de informação do estudante e conseqüentemente favorecer a construção do conhecimento. Este processo não é automático, implica numa troca válida no processo de aprendizagem. Como o atleta destacou positivamente sua vida acadêmica (figura 22 e 23) podemos supor que esta vivência tenha contribuído de alguma forma para seu desenvolvimento quer seja cognitivo, afetivo ou social. Não nos referimos a quantidade de informação apreendida no sentido “conteudístico” da aprendizagem, mas em seu significado sócio-histórico, de pertencimento.

A literatura sugere métodos de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) (NUNES & NUNES, 2005 e Comunicação Alternativa Suplementar (CAS) (PAURA, MANZINI & DELIBERATO, 2002; DELIBERATO et al, 2013; PAURA & DELIBERATO, 2014) que não foram encontrados na comunicação usada cotidianamente pelo atleta. Embora ele utilize métodos de comunicação alternativos (no sentido de que qualquer método que não for o mais usual será alternativo), não são aqueles sugeridos pela literatura para facilitar a comunicação habitual e diária, tais como: a) utilização de símbolos pictográficos e/ou ideográficos; b) pranchas de comunicação; c) software para tablete, celulares ou computadores.

Para comunicação imediata, ASP faz uso de “pistas de contextualização” paralinguística e extralinguística (TAVARES, 2003). Como quando perguntado sobre algo que não quer responder ele assumia feições serias e olhar fixo ou quando queria sinalizar que concordava com algo, piscava uma vez pausadamente e movia levemente a cabeça para baixo e para cima. Essas “pistas” da comunicação não foram suficientes para que o atleta pudesse se expressar de forma mais complexa, era necessário que o narrador tivesse liberdade para externalizar seus pensamentos, já que a narrativa, nas palavras de Marques e Satriano (2014) “é um exercício de autonomia e autoria do pensamento”. Delineia-se um obstáculo da comunicação, porém simultaneamente sua resolução: ao invés de diminuir a interação comunicacional ou antecipar as dificuldades e “falar” pelo narrador, o interlocutor poderia ampliar sua capacidade interpretativa controlando a sua ansiedade, ampliando o contato com o narrador e incentivando outras formas criativas de comunicação.

ASP não utilizava a locução verbal, visto que não oralizava, mas sua narrativa se compunha nos seus gestos, tonicidade, expressões corporais, principalmente faciais espelhando o “corpo falado” representante de sua subjetividade. Destacamos a relevância do papel da interação entre os sujeitos da comunicação principalmente no caso da pessoa com paralisia cerebral que necessita não apenas da valorização desta

troca, mas de ação intencional que favoreça a troca de informação e a construção da realidade, no nível individual e coletivo. Compartilhamos, portanto, da posição favorável de Massi (1997) e Miranda e Gomes (2004) quanto ao papel colaborativo dos que interagem diretamente, e constantemente, com as pessoas com paralisia cerebral no que tange à estimulação cognitiva através do uso da comunicação alternativa. O fato de ASP interagir com diferentes públicos, família direta, família extensa, atletas e profissionais do esporte, oportuniza que ele exercite diferentes formas de expressão e de flexibilização de comunicação. Nas trocas sociais ele se alimenta de temas cotidianos compartilhados por diferentes grupos, tendo além de assunto para debater, a oportunidade de se posicionar frente aos mesmos.

Assim como visto na literatura (CESA, 2010), a pessoa com paralisia cerebral normalmente é superprotegida pela família, normalmente tendo papel principal a mãe. O caso aqui trabalhado não foge a essa estatística. Assim, a mãe “traduziu” boa parte da narrativa nas duas visitas presenciais, que, nesse ponto, segundo Comin & Amorin, (2010) deixou a individualidade do ASP de lado. Porém, o autor não vê como algo totalmente negativo nessa interferência da mãe, visto que seguindo estes mesmos autores, a constituição da identidade se faz na interação entre indivíduos. Como disse Dutra (2002, p. 374), “a narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida”. Na relação do ASP-mãe existe essa troca desde o nascimento, ininterruptamente até os dias atuais, essa relação dual faz com que parte daquilo que ASP não conseguiria dizer, apenas pelos meios que sua independência permite, seja narrado por sua mãe.

Comin e Amorin (2010) tratam da influência da família, nesse caso a mãe, no desenvolvimento da pessoa com deficiência, ou seja, até que ponto é positiva e em quais outros tira a autonomia da pessoa a relação tão próxima com a mãe. No caso aqui estudado ficou evidente para o autor que nem sempre aquilo que a mãe dizia ou “incentivava” ao ASP dizer, era exatamente sua opinião. Por isso, acrescentou-se nessa pesquisa outros métodos para dialogar com o atleta que favorecessem o exercício de sua autonomia e expressão particular, tais como: escolha de fotos, visita ao facebook e mensagens por e-mail.

Embora visivelmente ASP seja dependente de sua mãe devido ao seu comprometimento motor, inferimos que sua autoria de pensamento e autonomia na construção do pensamento busca, e em alguns momentos encontra formas de se constituir e se fortalecer (DIOGO, 1997), enfrentando o naturalizado nesta situação (CAMARGO et al., 2012).

Aparentemente os métodos alternativos utilizados na pesquisa para diminuir a influência materna (escolha de fotos, visita ao *Facebook*, conversas por email) foram mais eficazes na isenção da mãe na narrativa do atleta, permitindo que ele se expressasse de forma mais individual. Mas, em contrapartida, estes métodos retiraram a riqueza da comunicação presencial, face a face (na qual o autor não pode ver as expressões faciais, os sons que o atleta produz como ao ficar feliz ou bravo etc.).

Além da mãe, o fator que mais influenciou a narrativa do atleta foi o pesquisador. Silva (2010) diz que narrar envolve uma negociação de valores entre quem narra e quem ouve e, Dutra (2014) diz que narrar faz parte de uma troca de papéis, em um momento existe um narrador e um ouvinte e, depois que a narrativa do primeiro é absorvida e interpretada pelo ouvinte, esse último se torna o narrador da história anteriormente contada, mas agora ressignificada pelos seus valores. Nas palavras de Bruner, a narrativa é um princípio “pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm” (BRUNER,

1997, p. 41). Sendo assim, a participação proposital do narrador foi crucial para o desenrolar da pesquisa. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se dizer que em todas as pesquisas que trabalha a relação do ser humano existe essa influência, apenas isso aparece de forma nítida no tipo de pesquisa proposto. Ela começou desde o primeiro contato com o atleta, quando esse sabia da relação do pesquisador com a bocha paralímpica, passando por aquilo que o atleta julgou coerente transmitir para o pesquisador e, por fim, a ressignificação que o pesquisador fez, para elaborar novas perguntas e suas hipóteses.

Dito como chegou-se a narrativa do atleta, pode-se avançar para outro objetivo: qual o impacto do esporte na vida do sujeito.

5.2 Mudanças na vida cotidiana do atleta paralímpico após a prática da bocha

A literatura diz o quanto a vida de uma pessoa pode ser afetada negativamente pela paralisia cerebral (CAMPEÃO, 2011, 2002; CESA, 2010; JOSSO, 2007; MAIA, 2010). A professora Márcia da Silva Campeão apresenta em sua dissertação a bocha paralímpica como meio para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas (CAMPEÃO, 2002). O autor desse trabalho reconhece a importância do esporte na vida do atleta, assim como atleta mesmo disse: “BOCHA BOM MINHA VIDA”. Porém, o que não se encontra na literatura é um olhar do sujeito com deficiência sobre sua própria vida. Muito menos de pessoas com o comprometimento físico como o que trabalhou-se aqui. Isso demonstra o quão as pessoas “não-deficientes” estão sendo deficientes e pretensivas em relação às pessoas com deficiência quando não se busca saber diretamente delas o que desejam o que aspiram para si. No caso do atleta pesquisado, sua vida não se resume à bocha paralímpica. Embora ele não narre isso – pelo menos não literalmente – o sujeito pesquisado parece ter mencionado a bocha algumas vezes na entrevista apenas pela relação que o pesquisador teve com o esporte anteriormente. Pelo menos foi essa a sensação em todas as vezes que o pesquisador se deparou com esse tema nas variadas formas de coleta de dados empregadas aqui. A bocha assim como outros temas, é apenas um dos caminhos que o atleta trilha na sua vida e não “o” caminho ou o único caminho.

Mesmo o fato de encontrarmos um grande número de fotos, em ser perfil eletrônico, relacionadas ao esporte, o que fica mais forte no final é o sorriso do atleta com seus amigos e familiares. A 4ª pergunta do e-mail _ “Faça uma lista com 5 palavras que você acredite que representam sua vida, as coisas mais importantes para você.”_ fortalece este argumento na resposta de ASP “1:MAE; 2:FAMILIA; 3:AMIGOS; 4:DEUS; 5:FE”.

ASP leva a sério o esporte, o pesquisador, ainda como árbitro, viu isso várias vezes: a bocha paralímpica é sua profissão. No entanto, fora do jogo, o atleta vive uma vida plena com as pessoas que o cercam assumindo diversos papéis sociais: ele é religioso (resposta à pergunta 3 por e-mail), é torcedor de futebol, é ouvinte de rádio (Pergunta 2 por e-mail), é filho, é amigo e é atleta.

Quando responde “NÃO”, frente à pergunta “Você já sonhou em ser atleta de outro esporte, além da bocha adaptada? (pergunta 1 no e-mail)”, o entrevistador imaginava que seu gosto por futebol poderia indicar uma frustração frente a sua condição de deficiência motora. Contudo, o que pareceu se revelar foi que ele está “resolvido” com sua questão. Aprendeu a gostar da bocha e de praticá-la. No futebol ele ocupa o lugar de torcedor.

Frente à pergunta 3 do e-mail: “Uma das fotos que você me enviou estava escrito a palavra DEUS embaixo. O que você mais pede para ELE? Qual é o maior desejo que você acredita que DEUS possa te realizar?”, ele poderia imaginar várias

possibilidades, desde a completa reabilitação ou até mesmo ganhar campeonatos na bocha. Contudo, ASP mostrou seu lado altruísta, e mais uma vez a possibilidade de sair do lugar do “deficiente”, para mostrar-se enquanto sua essência de ser humano. Ele transcende o seu mundo interior ou sua realidade mais próxima e aponta para a consciência ecológica, mesmo que ainda de fundo religioso. May (1989) aponta que não há problemas no uso da religião para amparar um estilo de vida, a questão é quando ele é mal utilizada para esconder problemas internos sérios, tais como sentimento de inferioridade. ASP parece se relacionar com a religião de forma transcendental e altruísta e não como “tábua de salvação”.

A quinta pergunta realizada por e-mail foi: “Quando você conheceu a bocha adaptada? Conte como foi”. Mais uma vez reconhecemos a importância da família, com destaque para a mãe. Ela viu no jornal uma reportagem e o levou para integrar a Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação no Rio de Janeiro. Se no início o motivo do ingresso foi a reabilitação, sua permanência e busca de aprimoramento e tornar-se um atleta de alto rendimento aponta para uma intenção clara, uma opção de vida. Neste sentido, articula-se mais uma vez a importância da família em apoiar e incentivar ações de saúde e de superação.

Não houve como mensurar ou qualificar o quanto de impacto a bocha teve na vida do atleta. Essa pergunta foi feita pelo pesquisador diretamente e pessoalmente – pesquisador: “como era sua vida antes da bocha?”, o atleta pensou um pouco e escreveu no computador um “sonoro”: “NÃO”!, indicando que não queria falar sobre isso – e indiretamente, através de perguntas por e-mail e fotos. Para o autor, essa recusa do sujeito em falar da sua vida antes da bocha não significa que seja algo traumático para ele, o atleta falou sobre seu pai, que morrerá recentemente, com tristeza, mas sem hesitar. Aparentemente ele simplesmente considerou que não havia o que ser dito.

Em contrapartida, na sexta pergunta do e-mail “O que mudou na sua vida depois que começou a praticar a bocha adaptada?”, ASP responde: “*VIAJAR MAIS, CONHECE NOVOS AMIGOS COMPETIR*”. Podemos dividir e analisar esta frase em três pontos. Esta resposta aponta para uma mudança, pelo menos de quantidade, por exemplo, na primeira parte quando ele aponta “viajar mais”, podemos supor que ele antes já viajava, mas não na mesma intensidade. A perspectiva sociointeracionista representada por Vygostky (1991) considera relevante as trocas socioculturais, e viajar é um excelente dispositivo para isto. Na outra parte desta sua narrativa, ASP destaca o valor de conhecer novos amigos. Novamente a perspectiva sociointeracionista indica a importância das relações sociais e do aspecto afetivo. Por fim, “competir”, aqui está a inversão da pessoa incapaz para a pessoa que compete, que luta, que ganha e perde, que não está presa a uma posição de incapacidade, mas sim de alto rendimento e superação. Pavanati (2010) destaca a competição com ética e baseada no princípio educativo como um fator importante para o desenvolvimento humano.

Em relação às competições, estamos cada vez mais preocupados no sentido de que o caráter da competição desenvolva valores de solidariedade, de parceria, de compreensão e possamos lidar com as nossas negatividades de uma forma mais aprimorada. Aprendemos novas maneiras de lidar com as nossas negatividades. Às vezes, numa situação de estresse num jogo, isso também pode acontecer (PAVANATI, 2010, p.97).

Não foram encontrados relatos expressivos indicando claramente diferenças antes e depois da prática paralímpica na vida do atleta. Assim como, só foi encontrada uma foto com a marca de tempo clara, a foto do atleta bebê (figura 26), mas não foi possível identificar no tempo a origem das demais fotos que pudessem indicar e alimentar a comparação do antes e depois. É preciso considerar a escolha dos métodos

de coleta de dados principais: a escolha de foto, a visita no Facebook e a troca de e-mails. Como dito anteriormente, o atleta respondeu com um “Não”, a pergunta expressa sobre este tema, o que não facilitou o aprofundamento da pesquisa em todos os outros meios.

Ao iniciar essa pesquisa, o autor pensou que poderia investigar a vida de pessoas com deficiência física severa, na busca de ajudá-las a melhorar sua qualidade de vida, aproximando da “qualidade” que uma pessoa sem deficiência possui. Todavia fica claro para o mesmo que isso era apenas uma visão etnocêntrica. As pessoas com deficiência de nada diferem das pessoas sem deficiência no aspecto da essência de ser humano. É apenas uma questão de adaptação. Bruner (1997) ao falar sobre o afastamento do canônico, explica bem isso: tenta-se dar sentido ao que não se vê sentido para confortar a mente ao se deparar com algo incomum. Por isso, sempre terá pessoas achando que podem resolver os “problemas” de outras pessoas. Esse trabalho serve para reconhecer que não pode-se saber como resolver o problema de ninguém sem antes conhecer o problema. Provavelmente perceberia-se, ao fazer isso, que não existe problema, se não aquele criado pela própria mente. E, mesmo no caso do problema existir, provavelmente, a solução só estará perto de satisfazer ambas as partes depois de muito diálogo. A deficiência física não é um problema. O preconceito, inclusive aquele disfarçado em bondade onisciente, é.

5.3 Método de análise narrativa para pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional

Apresentar-se-ão algumas características básicas para a narrativa, sugeridas por Bruner (1997), demonstrando onde a narrativa do ASP se encaixa, em seguida abordar-se-ão os objetivos específicos desse trabalho:

Sequencialidade: a escolha das fotos e imagens, aquilo que foi escrito e a comunicação visual seguiram uma ordem única, não determinada pela historicidade e acontecimentos, e sim determinada pela escolha do atleta. Infelizmente a narrativa do sujeito não foi completamente sua, como se desejou, a interferência da mãe foi significativa, principalmente nas visitas na residência onde vivem. Porém nas escolhas das fotos e nas respostas das perguntas feitas por e-mail, mesmo essas direcionando o assunto, foram de autoria do sujeito, são suas narrativas. E é isso que interessa nesse tipo de pesquisa, a forma que o ASP ordena os acontecimentos, construindo sua realidade: ele começa falando sobre a bocha, fala do seu time, do seu pai, sobre amigos e termina com sua formatura do ensino médio. Cronologicamente, seu último assunto foi o primeiro a ocorrer, porém Bruner (1997) diz que isso não é importante nesse tipo de pesquisa, a ordenação é influenciada por outros fatores mais relevantes como: para quem está se falando, porque está se falando, onde está se falando, quem mais ouve o que está se falando, em que momento da vida o narrador está narrando;

Indiferença Factual: não buscou-se, através dos variados métodos de coleta de dados, saber se os fatos apresentados pelo sujeito realmente ocorreram, ele estava livre para construir sua narrativa, porque a busca não é pelo que ele tem a dizer, mas como ele constrói o que tem a dizer. Até mesmo no caso da foto do sujeito com o Zivaldo (figura 21), seguida da frase “meu amigo de sempre”. Analisando a rede social encontramos outra foto, o que elucidou a frase do ASP (figura 33). Mas esse achado não foi proposital e apenas facilitou o entendimento do contexto, sem o objetivo de provar a verdade do fato;

Forma Singular de Manejar Afastamentos do Canônico: o ASP apresenta sua primeira foto resolvendo o “afastamento do canônico” que foi a presença de um árbitro

o procurar para conversar sobre sua vida, ou seja, ele deu uma explicação para um fato “estranho” de uma forma única;

Qualidade Dramática: os preceitos dramáticos fazem parte de toda narrativa porque ela é uma história, nesse caso uma história de vida;

Paisagem Dual: voltamos para a construção da narrativa, enquanto o narrador narra e o interlocutor recebe a narrativa, existe um processo paralelo que é de escolha e formulação, no caso da presente pesquisa, das fotos e frases escritas de acordo com o feedback que o interlocutor apresenta e como o sujeito interpreta-o. Esse fluxo de processamento-liberação-absorção-processamento-liberação entre pessoas é o que torna a narrativa tão única, não só como pesquisa, mas como mantenedora e modificadora da cultura de uma forma geral. Nas palavras de Silva (2010, p.5): “envolve, portanto, uma negociação de seus valores e de como as ações deverão ser compreendidas e interpretadas para quem as ouve”.

Visto como a pesquisa se encaixa dentro dos critérios de Jerome Bruner (1997) para o que ele chamou de narrativa, deter-se-á na Psicologia Cultural que o autor desenvolveu. O autor diz que uma psicologia culturalmente sensível deve estar interessada, acima de tudo, em como as pessoas dizem que seus mundos são (Bruner, 1997, p 25). Vê-se que o psicólogo não retém seu interesse no que as pessoas têm a dizer, mas sim como elas constroem o que tem a dizer. Essa pesquisa se iniciou com o pesquisador buscando as duas coisas.

O ASP mostra que a falta de comunicação oral e gesticulação habitualmente conhecida não o impede de se comunicar e se fazer presente. O que anteriormente era considerado pelo pesquisador – ainda como árbitro de bocha adaptada – deficiente, percebe-se que não o é. O atleta se mostrou capaz de apresentar sua opinião. É verdade que de forma bem mais lenta e, empregado o método comum de entrevista, sua mãe teve presença ativa, dificultando a narrativa puramente do atleta. Conforme sinalizado por Tavares (2005), no diálogo direto, presencial, além da informação verbal (oral ou escrita) existem as “pistas de contextualização”. No caso do atleta, as pistas de natureza paralinguísticas expressas nas pausas, no ritmo de expressão, na tonicidade, colaboravam para a inferência e/ou compreensão da mensagem.

Agora voltando ao interesse de Bruner (1997), a construção de como o mundo das pessoas são: sobre isso o ASP mostrou uma realidade espantosamente dentro para o esperado para sua faixa etária e condição sócio-econômica e cultural. Enquanto os pré-conceitos do pesquisador “não-deficiente” sugeriam que o atleta apresentaria uma vida monótona, voltada quase que exclusivamente para a bocha adaptada, cheia de desejos e sonhos irrealizados; o sujeito conta uma realidade completamente oposta. O mundo vivido por esse sujeito é o mesmo que o ER, mas a forma de interpretar os acontecimentos e de construir a realidade é singular para ambos e, provavelmente, para todos. Enquanto o ER via a dificuldade de se comunicar e o esforço para fazer um lançamento durante os campeonatos, o ASP só via a bola acertando o alvo ou às vezes errando; quando o ER via a dificuldade da mãe em dar-lhe comida, bem provavelmente o atleta sentia apenas o prazer em degustar uma boa refeição depois de um dia cansativo de jogo...

Um fator primordial no desenvolvimento da narrativa é a identidade. Vieira e Henriques (2014, p.167) dizem que quando uma pessoa esta integrada “sincronicamente e diacronicamente” com um grupo social e seus valores, essa pessoa possui identidade. Silva (2010, p.5) diz que a narrativa é fundamental para “a construção e reconstrução de das identidades sociais”. E o ASP constrói muito bem suas identidades, seja como filho, amigo, atleta, torcedor etc.

Em outras palavras Dutra (2002, p.374) diz que narrar é “um estar-com-no-

mundo, uma relação de intersubjetividade”, isso significa que ao construir sua narrativa o ASP não apenas escolheu algumas fotos e respondeu algumas perguntas para uma pesquisa, ele externaliza a si próprio, não como uma biografia de alguém que vê de fora, mas com seus valores dialogando com os de seu ouvinte.

A análise narrativa, considerando não apenas o dito, mas o não dito, considerando não apenas o entrevistado, mas sua relação com o contexto e com o entrevistador, considerando a observação de segunda ordem avaliando as crenças, os conceitos e preconceitos do entrevistador mostrou-se mais apropriada ao trabalho investigativo junto à população de pessoas com grave comprometimento motor e comunicacional.

Supomos que a escolha da análise de conteúdo (BARDIN, 2009) atenda à investigação do que é dito sobre as pessoas, mas não o que as próprias pessoas narram sobre si e sobre o mundo. Acreditamos que seja imperioso o incremento de pesquisas que busquem o que a própria pessoa tem a dizer, enfrentando e dirimindo todos os obstáculos comunicacionais. Esta escolha é pela emancipação e dignidade humana (MARQUES & SATRIANO, 2014).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para refletir sobre como, e se, atingimos o objetivo geral e os objetivos específicos propostos nessa dissertação, abaixo transcreveu-se os mesmos para esse fim:

Objetivo Geral: Analisar a construção narrativa de um atleta paralímpico de bocha adaptada, sob seu ponto de vista, considerando o impacto do esporte na sua vida, através da análise narrativa de sua história de vida.

Reflexão: considerando a singular proposta de se trabalhar com um grupo marginalizado socialmente, com pouca produção científica sobre eles (pessoas com tetraplegia pela paralisia cerebral, atletas de bocha paralímpica, incapazes de oralizar) e um método de pesquisa e análise novo (a narrativa segundo a psicologia cultural), o autor considera que foi atingido parcialmente o objetivo geral. Parcialmente porque houve a interferência inicial da mãe na narrativa e também porque, na fase de análise da rede social do sujeito, o entrevistador também produziu sua narrativa considerando o conteúdo anteriormente assimilado e as fotos/imagens e amigos que o atleta possuía em seu perfil. Porém, nenhum desses fatores foi negativo. As narrativas, embora sejam uma construção pessoal, só tem sentido dentro de um diálogo, abusou-se dessa intersubjetividade nesse trabalho. Não foi um erro de manejo, foi uma escolha consciente e o resultado ajudou a conhecer esse atleta e como o fato de ser atleta afetou sua subjetividade. Espera-se que esta pesquisa também o tenha ajudado em seu próprio auto-conhecimento.

Sobre a influência da bocha adaptada na vida dele: é perceptível que o esporte não é o salvador de um grupo que encontra em sua prática um objetivo para a vida, pelo menos não para o sujeito pesquisado. A bocha adaptada tem, sim, fim em si mesma, ela é a profissão do ASP, ela instiga à competição, ao desejo de vitória, de reconhecimento e, até mesmo, a autonomia financeira. Mas o esporte, diferente do que o ER esperava, é muito mais importante para o ASP como ponte para a socialização, conhecer novas pessoas, fazer amizades; e pelo lazer, viajar, conhecer lugares diferentes.

Objetivos específicos:

- a) Verificar os métodos de comunicação alternativa que atletas de bocha paralímpica não oralizados utilizam.

Reflexão: no começo desse estudo acreditou-se que um método quantitativo poderia ser suficiente para conhecer melhor a vida dos atletas de bocha paralímpica, mas a dificuldade de comunicação obrigou adaptarmos o método de acordo com a individualidade do sujeito que quis se atingir. Buscou-se métodos alternativos como pranchas de comunicação alternativa e ampliada, todavia percebeu-se que a melhor forma de se comunicar com alguém é partindo do método da existente e previamente utilizado pelo narrador. O pesquisador percebeu, ao longo do processo, como era ingênua sua tentativa de facilitar a comunicação do sujeito: não era a o atleta que não entendia o pesquisador, este entendia perfeitamente o método de comunicação do pesquisador, quem não entendia o método de comunicação do atleta era o pesquisador, ou seja, a deficiência nesse diálogo estava no entrevistador, não no entrevistado. Por isso buscou-se conhecer quais eram as formas que o atleta usava para se comunicar. Foram elas: expressões e gestos sutis; escrita digital; fotos e imagens e, nessa pesquisa como variável interveniente, sua mãe.

- b) Identificar indicativos de mudanças na vida cotidiana de pessoas que se tornam atletas de bocha paralímpica

Reflexão: Não houve dados conclusivos nesta seara. Podemos inferir o benefício da bocha paralímpica, mas não seu impacto no antes e depois. O esporte parece ter influenciado positivamente na vida do atleta pesquisado. Há indícios, pelas fotos, pelas respostas do atleta e pelo círculo de amizade virtual, de que antes do esporte o ASP não tinha uma vida social tão ampla como hoje tem, mas não podemos afirmar que não houvesse vida social. Efetivamente a bocha adaptada trouxe novos amigos e oportunidades de conhecer lugares novos, nas viagens aos campeonatos, que talvez o sujeito não teria, caso não fosse atleta.

- c) Desenvolver método de coleta de dados e, posteriormente, análise na narrativa para pessoas com grave comprometimento motor.

Reflexão: dada a transição de metodologia para a execução dessa dissertação e o caráter inédito que aparentemente essa pesquisa possui, considerando seu método e seu público alvo, esse objetivo secundário teve resultado positivo para o sujeito selecionado. Como descrito anteriormente, os métodos de coleta e análise foram sendo alterados durante o processo de aprofundamento, teórico e prático para melhor alcance dos objetivos traçados na investigação.

A narrativa se mostrou como um interessante método de pesquisa ao dar liberdade para os pesquisadores apresentarem suas opiniões e suas justificativas para o andamento da pesquisa por um caminho e não por outro. Pesquisadores positivistas podem argumentar que essa abertura ao pesquisador fragiliza o estudo, mas no contexto da presente dissertação um método qualitativo não permitiria o aprofundamento na vida do sujeito como a narrativa permitiu e a opção por mostrar os “bastidores” da pesquisa, as escolhas, os direcionamentos e até mesmo os erros, só transparece mais o estudo, facilitando que os outros estudos possam ser desenvolvidos na mesma linha, sem que outros pesquisadores necessitem passar pelos mesmos percalços.

A estrutura de apresentação dos dados coletados, assim como sua análise é um método inédito, que, como tal, necessita de aperfeiçoamentos. Espera-se que outros pesquisadores tenham o interesse pelo estudo de pessoas com deficiência física severa e que considerem a possibilidade da narrativa como método. Além disso, que a narrativa do sujeito dessa pesquisa sirva, para o público em geral, como exemplo da capacidade inerente de todo ser humano de ressignificar sua história, independente das características e dependente da socialização.

Ao iniciar essa pesquisa frisou-se, no referencial teórico, a importância de se narrar, de contar sua história. Falou-se de conceitos-chaves, adquiridos ou manifestados na narrativa, como identidade, autonomia, intersubjetividade, enunciação, autoentendimento/conhecimento. Estes realmente estiveram presentes na pesquisa realizada, mas a intenção do pesquisador, ao referenciá-los era mais do que destacar a contribuição de se narrar, era de mostrar como, especialmente, nas pessoas com deficiência física severa aparentemente esses conceitos eram usurpados pela deficiência ou pela cultura, das pessoas conectadas ou não a esses sujeitos. Mas, o atleta entrevistado não demonstrou ser carente em nenhum dos aspectos destacados. Sua mãe realmente tem um papel primordial na sua vida, seja operacional ou afetiva, mas quem pode dizer que faria melhor ou diferente ao ter um filho com paralisia cerebral? Quando mais se aproximou dessas pessoas, especialmente no caso descrito nesse trabalho, pode-se ver que não existe deficiência, aliás essa nomenclatura deveria se restringir ao grupo de

termos técnicos na área da saúde, quando for referente a seres-humanos. O que existe são características específicas do sujeito, assim como para toda pessoa. Nunca se falou tanto em integração/inclusão das pessoas, mas também nunca se subdividiu tanto a sociedade em grupos, cada vez menores e inferiorizados. É uma bola de neve de contradições, primeiro destaca-se o “deficiente” da sociedade, mostrando o quão diferente ele é dos “normais”, depois cria-se leis, políticas, ações e etc., para mostrar como os ditos “normais” tem que ser bondosos e fazer do excluído um cidadão novamente! Esse trabalho é um exemplo que “eles” não precisam tanto assim de “nós”. É evidente que o Brasil precisa de uma reestruturação em sua acessibilidade, mas isso não é para as pessoas com deficiência, é para todos, idosos, crianças e mesmo para o cidadão adulto, os centros urbanos estão se tornando um caos que não atendem as condições das pessoas com deficiência e não atendem as condições de vida saudável de mais ninguém! O que precisa parar de acontecer na sociedade atual é a “forçassão de barra” de que as pessoas são iguais, ninguém é igual a ninguém, todos somos diferentes e isso apenas tem que ser encarado como algo natural, se as características físicas aparecem mais nos espaços públicos do que as características psicológicas e/ou intelectuais, isso não quer dizer que deve-se tratar o primeiro diferente do segundo, até porque não identifica-se um estuprador ou psicopata pela aparência, então porque age-se diferente ao ver alguém na cadeira de rodas? Negativas ou positivas, as características individuais precisam ser vistas por outro ângulo, ao invés de igualar, deve-se celebrar a diferença, ela que faz o mundo mais colorido, irregular, surpreendente e incoerente, seja para o bem ou para o mal.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de Uma Escala de Bem Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 153-164. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200008. Acesso em: 08/08/2014.
- BAMPI, L. N. S.; GUILHERM, D., LIMA, D.D. Qualidade de vida em pessoas com lesão medular traumática: um estudo com o WHOQOL-BREF. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, 2008;11:67-77. Disponível em :http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000100006. Acesso em: 05/10/2014.
- BAQUERO, R. A obra de Vygotsky e seu contexto. In: BAQUERO, R. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Cap.1, pp.25-45.
- BAUER, M; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Capítulo 4. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.
- BISFed - BOCCIA INTERNATIONAL SPORTS FEDERATION. *Manual de Bocha Adaptada* (versão em português), 2013.
- BRANDÃO, J. S. *Tratamento precoce na Paralisia cerebral*. Medicina de reabilitação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985
- BRUNER, J. *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BRUNER, J. Life as narrative. Social Research. In.:DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*2002, 7(2), 371-378. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. Acesso em: 10/10/2014.
- BRUNOZI, A. E. et al. Qualidade de Vida na Lesão Medular Traumática. *Revista Neurociências*, 2011;19(1):139-144. Disponível em :<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2011/RN1901/revisao/444%20revisao.pdf>. Acesso em: 15/02/2014.
- CAMARGO, A. C. R. et al. Relação entre dependência funcional e qualidade de vida na paralisia cerebral. *Fisioter Mov*. 2012 jan/mar;25(1):83-92. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fm/v25n1/a09v25n1>. Acesso em: 30/04/2016.
- CAMPEÃO, M. S. *Atividade Esportiva para Pessoas com Deficiência Física*. Rio de Janeiro: 2012 (versão digital). Disponível em :<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.gime.ufjf.br%2Faperfeicoamento%2Fwp-content%2Fuploads%2F2010%2F11%2Flivro.pdf&ei=yCuHVID7N4SeNrTugeAL&usg=AFQjCNGm09mSpVBVU0Oc9ocB6RLyKVNq3Q&bvm=bv.81449611,d.eXY>. Acesso em: 10/10/2013.

_____ *O Esporte Paraolímpico como Instrumento para a Moralidade das Práticas em Saúde Pública envolvendo Pessoas com Deficiência - Uma Abordagem a partir da Bioética da Proteção*. Rio de Janeiro: 2011 (Tese de Doutorado – ENSP, FIOCRUZ). Disponível em
[:http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fbvssp.icict.fiocruz.br%2Flildbi%2Fdocsonline%2Fget.php%3Fid%3D2427&ei=gyyHVL3JFYqYgwTf74HoAg&usg=AFQjCNHBOjyNLZcNWX9mh6b6eOqCuQUAYQ&bvm=bv.81449611,d.eXY](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fbvssp.icict.fiocruz.br%2Flildbi%2Fdocsonline%2Fget.php%3Fid%3D2427&ei=gyyHVL3JFYqYgwTf74HoAg&usg=AFQjCNHBOjyNLZcNWX9mh6b6eOqCuQUAYQ&bvm=bv.81449611,d.eXY). Acesso em: 25/07/2014.

_____ *Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral*. Campinas: 2002. Dissertação. Faculdade de Educação Física. UNICAMP. Disponível em [:http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294990](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294990). Acesso em: 11/02/2012.

CANS, C. et al. Recommendations from the SCPE collaborative group for defining and classifying cerebral palsy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, v. 49, p. 35-38, feb. 2007. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17370480>. Acesso em: 17/03/2013.

CAROMANO, F. A. Características do portador de distrofia muscular de Duchenne. *Revista. Arq. Cienc. Saúde Unipar* 1999;3(3):211-218. Disponível em [:http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fvistas.unipar.br%2Fsaude%2Farticle%2Fdownload%2F945%2F827&ei=Qi2HVI2uDoGwggT08oCYCQ&usg=AFQjCNHnSXBCe0zYec4k2CoUEWefgrdzcg&bvm=bv.81449611,d.eXY](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fvistas.unipar.br%2Fsaude%2Farticle%2Fdownload%2F945%2F827&ei=Qi2HVI2uDoGwggT08oCYCQ&usg=AFQjCNHnSXBCe0zYec4k2CoUEWefgrdzcg&bvm=bv.81449611,d.eXY). Acesso em: 25/05/2014.

CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASTELLANO, G. B.; FREIRE, R. M. A. C. *O diagnóstico fonoaudiológico na paralisia cerebral: O sujeito entre a fala e a escuta*. Ágora (Rio J.) Vol. 17no. 1 Rio de Janeiro jan./jun. 2014.

CASTELLANO, G. B. *Adolescentes com paralisia cerebral: estudo de casos clínicos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

CESA, C. C.; SOUZA, A. P. R.; KESSLER, T. M. *Intersubjetividade mãe-filho na experiência com comunicação ampliada e alternativa*. Rev. CEFAC vol. 12, no. 1, São Paulo jan./fev. 2010.

COMIN, F. S.; AMORIN, K. S. *"Em meu gesto existe o teu gesto": corporeidade na inclusão de crianças deficientes*. Psicol. Reflex. Crit. Vol.23no. 2, Porto Alegre. 2010.

COSTA, V. A.. *Diferença, Desvio, Preconceito e Estigma: A Questão da Deficiência*. UFF/RJ, 2000. Disponível em <http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/historia011.pdf>. Acesso em: 10/10/2014.

DELIBERATO, D. et al. Efeitos da comunicação alternativa na interação professor-aluno com paralisia cerebral não-falante. Rev. Bras. Educ. Espec. Vol.19 n°1 Marília jan/mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

65382013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22/04/2016.

DIAMENT, A. Encefalopatia crônica na infância (paralisia cerebral). In: DIAMENT, A. & CYPHER, A. Ed. *Neurologia Infantil*. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1996.

DUTRA, E.. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 371-378. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. Acesso em: 10/10/2014.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, S. A. *Bem-estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 2001. Disponível em
[:http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000220310](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000220310). Acesso em: 03/07/2014.

GLAT, R. *Integração dos Portadores de deficiência: uma questão psicossocial*. Temas psicol. vol.3 no.2 Ribeirão Preto ago. 1995.

GOFFMAN, E.. *Estigma*. New York: Simon/Schuster, 1986.

HIMPENS E, et al. P. Prevalence, type, distribution, and severity of cerebral palsy in relation to gestational age: a meta-analytic review. *Dev Med Child Neurol* 2008;50:334–40.

JOSSO, M. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Rev. Educação. Porto Alegre: n.3 (63), p. 413-438, set/dez, 2007.

JOVCHELOVITCH, S., BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; p. 90-113, 2002.

LACERDA, C. B. F. de. É preciso falar bem para escrever bem?. In: SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C.R. de (orgs.). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 9ª ed., 2003b, pp.63-98.

LEITÃO, R. E. A paralisia cerebral – diagnóstico, terapia, reabilitação. In: CAMPEÃO, M. S. *Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral*. Campinas: 2002 (dissertação – FEF, UNICAMP). Disponível em :
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294990>. Acesso em: 11/02/2012.

LEVITT, C. Paralisia Cerebral. In: CAMPEÃO, M. S. *Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral*. Campinas: 2002 (dissertação – FEF, UNICAMP). Disponível em :
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294990>. Acesso em: 11/02/2012.

LURIA, A. R. *Desenvolvimento Cognitivo*. São Paulo: Ícone, 1990.

LUZ, D. C. *A Construção da Imagem Simbólica Coletiva da Deficiência no Decorrer da História e a Formação de Atitudes Frente à Inclusão Escolar*. *Insight*. 3ª Edição.

São Paulo. D.C, 2000.

MAIA, C. B. A. *A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física*. Rev. Psicologia. Vol. Eletrônico: 2010. Acesso em 20/12/2016; Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>.

MARQUES, V.; SATRIANO, C.. *Narrativa, subjetivação e emancipação: trabalho com crianças em diferentes situações sociais*. Dossiê Linhas Críticas, 2014. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.unb.br%2Findex.php%2Flinhascriticas%2Farticle%2Fdownload%2F11613%2F8174&ei=fi6HVO_BFceYgwS75oPoAQ&usg=AFQjCNERt4wiWPahPyzjLZL2FfF99dlCEg&bvm=bv.81449611,d.eXY. Acesso em: 09/08/2014.

MASSI, G.A.A. *Linguagem e Paralisia Cerebral: Um estudo de caso do desenvolvimento da narrativa*. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.

MAY, R. A arte do aconselhamento. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

MIRANDA, L. C.; GOMES, I. C. D. Contribuições da comunicação alternativa de baixa tecnologia em paralisia cerebral sem comunicação oral: Relato de caso. Rev CEFAC, São Paulo, v.6, n.3, 247-52, jul-set, 2004.

MOORE, G. *Acsm's Exercise Management For Persons With Chronic Diseases And Disabilities*. Indianapolis (USA): Human Kinetics, 2009.

McADAMS, D. P. (2001). *The psychology of life stories*. In: MARQUES, V.; SATRIANO, C.. *Narrativa, subjetivação e emancipação: trabalho com crianças em diferentes situações sociais*. Dossiê Linhas Críticas, 2014.

NUNES, L.R. d'O.de P.; NUNES, D. R. de P.. *Um Breve Histórico da Pesquisa em Comunicação Alternativa na UERJ*. UERJ/RJ, 2005.

OMOTE, S. Deficiência ou Não-Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Vol. 02 Ano 1994. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1pdf/r2_art06.pdf. Acesso em: 11/09/2013.

PAURA, A. C; DELIBERATO, D. Estudo de vocábulo para avaliação de crianças com deficiência sem linguagem oral. Rev. Bras. Educ. Espec. Vol.20 n° 1 Marília: Jan/Mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26/04/2015.

PAVANATI, R. A. *Palestra da Sra Rosimeri Aparecida Pavanati*. SESC. In **Educação física e esporte escolar**: da formação à competição. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

PAURA, A. C.; MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. Percepção de usuário de

comunicação alternativa e/ou suplementar em relação ao recurso de comunicação. In MANZINI, E. J.; MARQUEZINE, M. C.; TANAKA, E. D. O.; BUSTO, R. M.. (org) *Linguagem e Comunicação Alternativa*. V. 2. CAPES/PROESP: 2012. Disponível em: <http://www.umcpo.com.br/centraldoaluno/arquivos/24_05_2012_204/Comunicacao_completo.pdf>. Acesso em: 01/12/2014.

POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. BRASIL – Ministério da Saúde. Brasília: 2001. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_pessoa_com_deficiencia.pdf>. Acesso em: 20/10/2013.

POLONIO, F.C.; SILVA, T.S.A. *O Desenvolvimento da linguagem no paralisado cerebral com afasia motora*. Seminário de Pesquisado PPE. Universidade Estadual de Maringá. Junho de 2013.

ROBERTSON, C; SAUVE, R. S; CHRISTIANSON, H. E. Province-based study of neurologic disability among survivors weighing 500 through 1249 grams at birth. *Pediatrics*: 1994, 93:636-40. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8134221>>. Acesso em: 05/05/2014.

ROSENBAUM, P., PANETH, N., LEVITON, A., GOLDSTEIN, M., & BAX, M. A report: The definition and classification of cerebral palsy. April 2006. *Developmental Medicine and Child Neurology*: 2007, 49(2), 8-14. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17370477>>. Acesso em: 05/05/2014.

ROQUE, Z. S. S. Memórias em Campo: Jogadores Operários em São José Dos Campos (1975-2010). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300887889_ARQUIVO_memorias_em_campo_zuleika_trabalho.pdf>. Acesso em: 10/08/2013.

SANTOS, M. N et al. Perfil clínico e funcional dos pacientes com Distrofia Muscular de Duchenne assistidos na Associação Brasileira de Distrofia Muscular (ABDIM). *Revista neurociências* V14 N1 - JAN/MAR, 2006 (15-22). Disponível em <http://www.abdim.org.br/wp-content/uploads/2012/10/perfil_clinico_e_funcional_2006.pdf>. Acesso em: 05/05/2014.

SANTOS, M. S. *Análise Atitudinal da Arbitragem no Jogo de Bocha Adaptada*. Seropédica/RJ: 2014 (monografia – DEFD/IE, UFRRJ).

SILVA, S. C. Os Estereótipos Sociais e as Narrativas na Construção das Identidades Sociais da Pessoa com Deficiência Visual. *Liceu-online*: v1, n1, 2010. Disponível em: <http://liceu.fecap.br/LICEU_ON-LINE/article/view/855/665>. Acesso em: 20/09/2014.

SILVA, D. G. V., TRENTINI, Me.. Narrativa como técnica de pesquisa em enfermagem. In: MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. *Narrativa, subjetivação e emancipação: trabalho com crianças em diferentes situações sociais*. Dossiê Linhas Críticas, 2014.

SOUZA, A. A. A; PINTO, M. J. V. *Sofistas: Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

SOUZA, A. M.C. Paralisia Cerebral. Aspectos práticos. In: CAMPEÃO, M. S. *Proposta de Ensino de Bocha para Pessoas com Paralisia Cerebral*. Campinas: 2002 (dissertação – FEF, UNICAMP). Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294990>>. Acesso em: 11/02/2012.

STRAUSS, A; CORBIN, J. *Pesquisa Qualitativa: Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada*. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, R. R.. Linguagem, cultura e imagem na pesquisa qualitativa: interpretando caleidoscópios sociais. *Cadernos EBAPE.BR*. Volume III – Número 1 – Março de 2005. Disponível em <www.ebape.fgv.br/cadernosebape>. Acesso em: 01/12/14.

TEIXEIRA, A. A. C. Paralisia Cerebral: estudo de caso. 2012, 140f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Almeida Garret – Departamento de ciências da educação. Lisboa, 2012. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_04/102.pdf. Acesso em: 26/04/16.

ULLMAN, L.P.; KRASNER, L.A Psychological Approach To Abnormal Behavior. IN: GLAT, R. *Integração dos Portadores de deficiência: uma questão psicossocial*. Temas psicol. vol.3 no.2 Ribeirão Preto ago. 1995.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R.A *Construção Narrativa da Identidade. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 163-170. 2014. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722014000100018&script=sci_arttext>. Acesso em: 20/09/2014.

VALARELLI, L. P., SAES, S. de O. e VIEIRA, L. M.. Encefalopatia crônica infantil não progressiva: realidade inesperada. *Salusvita*, Bauru, v. 29, n. 3, p. 229-246, 2010. Disponível em: http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita_v29_n3_2010_art_02.pdf. Acesso em: 25/04/2016.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Narrativa de atletas de Bocha Paralímpica: Ouvindo os que não falam”

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de Mestrado “Narrativa de atletas de Bocha Paralímpica: Ouvindo os que não falam”, que desenvolvo no Programa de Pós Graduação em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob a orientação da Professora Doutora Valéria Marques de Oliveira. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estou realizando. Sua colaboração neste estudo será de muita importância, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

O participante da pesquisa deverá estar ciente de:

- I) O objetivo da pesquisa é comparar o impacto da inserção da bocha paralímpica na vida do atleta BC3 sob seu ponto de vista, comparando o antes e o depois da inserção desta prática desportiva em seu cotidiano, através da análise narrativa de sua história de vida. Os participantes da pesquisa deverão ser atletas da categoria BC3 de bocha paralímpica que não oralisem. Os participantes deverão ser voluntários, não sendo obrigatória sua participação.
- II) A participação na pesquisa será através de uma narrativa. Nessa narrativa, à partir de algumas perguntas iniciais feitas pelo pesquisador, o atleta deverá discorrer sobre sua história de vida e o envolvimento com a Bocha Paralímpica. Não teremos outro objetivo senão o da coleta de informações sobre o tema do estudo, bem como não causará a você nenhum gasto financeiro.
- III) O participante da pesquisa tem a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo ao participante.

- IV) A narrativa será registrada através de uma documentação audio-visual, porém, todos os cuidados serão tomados no sentido de garantir o anonimato da amostra.
- V) A participação nesta pesquisa não traz complicações legais devido à minimização dos riscos através da metodologia empregada. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
- VI) Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos nomes dos participantes.
- VII) O participante desta pesquisa não terá nenhum benefício direto, entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a problemática investigada, para que, à partir dos resultados obtidos nasça um novo olhar sobre o tema.
- VIII) O participante não terá nenhum tipo de despesa para fazer parte desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.
- IX) Um dos procedimentos de coleta de dados, possivelmente, será por meio de fotos. Caso você concorde com a divulgação de sua imagem para fins estritamente acadêmicos, assinale abaixo, por favor.

Após estes esclarecimentos solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Para tanto preencha, por favor, o campo que se segue:

Eu _____ confirmo que li o termo de consentimento livre esclarecido e, tendo em vista os itens acima apresentados, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) no estudo “Narrativa de atletas de Bocha Paralímpica: Ouvindo os que não falam”.

Sobre a utilização de possíveis fotos, cedidas por mim, para apresentação acadêmica, eu:

Concordo (____)Discordo(____)

OBS.: caso o atleta não possa assinar, por incapacidade física, pedimos que o responsável legal o faça.

Em caso de dúvidas ou mais informações, seguem os contatos para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários:

Pesquisador: Márcio de Souza Santos
Telefones: XXXX– E-mail: XXXX
Orientadora: Prof^aDr^a Valéria Marques de Oliveira
Telefone: (XXXX– E-mail: XXXX